

**ERGOS**

**O**

**MESTRE**

**ASSIM NOS FALOU...**

DO MESMO AUTOR:

SAPIENZA MONDO ASTRALE

A SUPREMA LEI.

ETERNA SABEDORIA

SABEDORIA DO MUNDO ASTRAL

ESCOLA INICIÁTICA

OS CAMINHOS DO ESPÍRITO

**ERGOS**

**O  
MESTRE  
ASSIM NOS FALOU...**

**ESTA OBRA É PUBLICADA COM A APROVAÇÃO  
DA  
FRATERNIDADE BRANCA UNIVERSAL DO ARCANJO MICKAEL**

## SUMÁRIO

EU SOU.....	08
O GÊNESIS OCULTO.....	09
DEUS.....	18
O EQUILÍBRIO, PRIMEIRA LEI CÓSMICA.....	21
A AÇÃO, PRIMEIRA LEI DA VIDA.....	23
OS SETE KARMAS.....	26
O MISTÉRIO CÓSMICO DA VIDA E DA MORTE.....	31
O KARMA.....	35
A LEI DA DOR.....	38
A ETERNIDADE DA VIDA.....	41
O MISTÉRIO DO HOMEM.....	44
O DUPLO EU.....	47
A PURIFICAÇÃO.....	50
A ORAÇÃO.....	54
O SUPERAMENTO.....	57
AS TÁBUAS DA LEI.....	60
SEMENTES DE LUZ.....	63
A TERCEIRA ERA.....	69
NOTA DOS EDITORES.....	70



## *PREFÁCIO*

O mundo, permeado pelo ódio e pela loucura, ressoava de gritos de ameaça, de terror e de morte, de implorações de piedade, e estava inundado de lágrimas e de sangue. Tudo estava perturbado pelas terríveis ocorrências do destino humano.

Também nós, débeis criaturas, éramos atingidas, aterrorizadas, arrastadas pelos trágicos eventos que, desencadeados pelos homens, os haviam dominado e se desenvolviam medrosos como incubos.

Mas na onda febril e atormentadora daquela vida que não era mais vida, alimentávamos uma secreta alegria no coração. Cada noite, após a lida cotidiana, cada um de nós sentia uma ânsia que o impelia a deixar a sua casa para atingir o local da reunião.

O Mestre vinha e, como por encanto, cada qual esquecia os seus receios, não sentia mais as suas aflições. Éramos como uma ilha suspensa, encantada, fora do tempo e do espaço, cheia de uma paz e de uma serenidade que nos inebriava fazendo-nos sentir longe do mundo e da maré de dor que o inundava.

Pousava o seu olhar doce e penetrante sobre algum de nós, sorria-nos com ternura paternal, depois começava a falar.

A que compararemos a Sua voz? A um som infinito em uma palavra finita; não vibração que bate e se detém nas paredes, mas onda que vai além dos nossos corpos terrestres e nos faz sentir o ilimitado celeste da nossa alma.

Voz calma e suave que soava aos nossos ouvidos atentos como uma música arcana que nos chegasse das profundidades insondáveis do infinito para consolar-nos e re-encorajar-nos. Era como se com a Sua vibração criasse uma sutilíssima rede de harmonia que nos arrebatasse e nos levasse para o alto à procura dos mundos superiores e da realidade do espírito.

Ele nos iluminava com a Sua sabedoria falando-nos de Deus e, suspensos ao fio de ouro daquela voz, deixávamo-nos guiar através da maravilhosa visão dos mundos espirituais, da criação dos átomos e das nebulosas, da explosão dos sóis e do aparecimento das primeiras formas de vida no planeta. E ainda fazia-nos remontar à origem do homem, explicando-nos o porquê da sua vida e da sua evolução, evocando à nossa mente civilizações desaparecidas. Nas asas da fantasia, nos levava a outros mundos, antecipando para nós a viagem eterna da alma para a sua Fonte Divina, ensinando-nos a amar o sofrimento, a não temer a morte e, sobretudo, a ser bons.

O prazer que ainda nos invade nos impeliria a fazer todos participar da divina comunhão espiritual com que Ele nos beneficiou, mas não temos palavras para descrevê-la. Não possuímos faculdades para vos permitir escutar a harmonia da Sua voz nem de vos fazer sentir as vibrações inebriantes da Sua presença.

Apesar disso recolhemos em um volume alguns dos Seus ensinamentos que, embora hajam perdido na transcrição humana parte do seu encanto, vos darão um pálido reflexo de quanto Ele quis prodigalizar, generosamente, a nós, Seus indignos discípulos.

*Eu sou Aquele que ensina a modelar e a esculpir com palavras humanas as formas do vosso pensamento e, guiando-vos nas asas do Amor nos espaços ilimitados, faz-vos contemplar a divina beleza das esferas supremas, mostra-vos a realidade do espírito e a virtude mais expressiva da vossa humanidade: a humildade da grandeza, a grandeza da humildade.*

**ERGOS**

## O GÊNESIS OCULTO

*Do nada Deus criou a Vida.*

*Da vida nós criamos a fé.*

*ELE nos deu o céu e a terra, os abismos insondáveis dos mares, o ardor do Sol, o sopro do eterno existir, o oceano infinito das sombras, o gérmen do princípio na infinita multiplicação de Si mesmo.*

*Fez-nos a dádiva da morte no Todo imortal da Sua Muda Vontade. Fomos chama, depois nos tornamos forma para ser espírito da divina eternidade.*

*Das essências das trevas surgimos na luz do Absoluto, no hálito imortal da eterna realidade, ansiosos de alcançar o Fogo Vivente de Deus.*

Não existe o primeiro pensamento porque o Pensamento de todos os pensamentos, a Mente Suprema, sempre existiu. Não existe a primeira causa e não há a última porque a Causa Suprema sempre foi e sempre será.

O nada não existe porque o nada se transforma no todo e tem início no todo.

O todo não existe, porque é materializado do nada e tem início do nada. Não existe a matéria, não existe o nada, não existe o todo; existe apenas a Mente Criadora Suprema, o Espírito Infinito, o Ser, o Ente, Deus.

Passado, presente, futuro — distinções de uma medida humana: o tempo. Para o Eterno, subsiste apenas o incomensurável, o infinito e eterno presente, a *eternidade*, que os homens podem esforçar-se para conceber como uma perene sucessão de passados e de futuros.

Passados que vivem no eterno pensamento de Deus sempre presente; futuros que representam o respirar da Infinita Lei, surgindo, instante por instante, no teu fugacíssimo presente.

Quem pode, realmente, conceber o presente, detê-lo, mantê-lo, por um só instante, seja embora fugitivo? Apenas o tens percebido, ele, já na sombra, é presa do passado; se o esperares na passagem da tua mente, enquanto ele ficar envolto nas névoas imperscrutáveis do incógnito amanhã é futuro; mas, apenas o fluir do eterno movimento erga o véu e os teus lábios, trêmulos de expectativa, estejam por pronunciar a palavra do presente: é; ele não é mais; já foi.

Assim, quem pode conceber o infinito? Contudo, o finito não existe. Experimenta levantar uma barreira que limite um espaço até a extremidade mais remota que a mente possa perceber, até ao último confim possível a tua imaginação. Ergue aquela barreira e encerra todo o espaço concebível: além dele, sentirás palpitar ainda outro espaço como um insondável e misterioso mar que se perderá na infinidade eterna do Cosmos.

Existe apenas o infinito, e no espaço infinito vibra o Centro Infinito de Vida.

No fulgor mais intenso de Sua deslumbrante pureza resplendia o Fogo Incriado, Divino Criador. E a Sua chama, em um ímpeto de amor, emitiu centelhas, estrelas substanciadas pela Sua Luz, que envolveram de triunfante apoteose a Sua Glória.

O amor do Pai era esplendor que se irradiava até à última de Suas criaturas, e essas, aspectos luminosos do palpitar Daquela Luz, vibravam na Harmonia Infinita, elevando gemas de incomparável pureza até ao Supremo Centro do Bem.

E tudo era puro, no tempo dos tempos, até mesmo as trevas infinitas, que com seu aveludado manto recobriam o mistério dos abismos siderais, porque também eram parte do Infinito Corpo de Deus e nenhuma culpa havia tido princípio.

Iniciou-se, assim, a adorante rota das refulgentes e translúcidas esferas dos bem-aventurados.

Em cada uma, inúmeras essências angélicas flamejavam de amor pela Graça Perfeita que as tinham gerado, em uma pulsação a cujo confronto a mais ardente paixão humana é apenas um imperceptível arrepio de frio.

A onipotência do Pai fez surgir duas Forças, que acima das outras participavam de Seu incomparável fulgor: Luz e Mickael.

E o Pai, Luz e Mickael refulgiam, irradiando bem aventurança às centelhas que os adoravam.

Á Luz, entregou o Pai o governo das esferas angélicas.

A Mickael confiou a missão do Seu serviço direto, da de Chefe dos Arcanjos e de coadjutor da obra de Luz.

Sete, com Mickael, eram os Arcanjos que se regozijavam na adoração ante o resplendente trono de Deus: Gabriel, Rafael, Anael, Azaziel, Azaquiel, Uriel.

Na pureza incontaminada de sua essência, partícipes da infinita luz, as legiões angélicas, na celeste rosa, felizes de existirem, cantavam hosanas ao Criador, fitos na contemplação do indizível esplendor da Mente Suprema.

Na sua missão, Luz, perpassando entre as refulgentes gemas da rosa angélica, recolhia as humildes preces, o puro perfume das essências espirituais, trescalantes da absoluta devoção, da alegria perfeita que emanava do seu adorante amor, e os elevava nos pés do fulgurante trono do Pai.

Certa vez, porém, no esplendor de seus vãos, Luz retardou por um instante o seu rápido perpassar de esfera a esfera, como se a sombra longínqua, apenas acenada e fugaz, de um desejo, o atraísse repentinamente ao abismo que circundava o luminoso Centro Infinito.

Puríssima essência, emanada da Excelsa Chama Divina, partícipe daquela Infinita Potência em ação, superior a toda expressão quando assumia os aspectos peculiares ao Absoluto e ao Eterno, nada, fora do Imaculado Esplendor Criador, devia atraí-lo. Todavia, imperceptível, quase inadvertidamente, o reverente temor que o arrastava aos confins misteriosos do nada diminuía, superado por um desejo cada vez mais premente e ansioso que maculava o esplendor original.

A escuridão eterna daquele abismo, insondável mesmo a sua potencia, atraia-o irresistivelmente.

Milênios, como anéis desenlaçando-se em uma cadeia sem fim, como pausas ritmadas de um eterno fluir, sucederam-se a milênios, como o bater uniforme da onda que no eterno movimento se afasta e retorna com a voz e essência imutáveis.

Por um tempo longuíssimo lutou Luz contra a ânsia de mergulhar naquela treva abismal, onde sentia vibrar o infinito mistério de Deus, até que o mórbido fascínio da curiosidade o venceu, impelindo-o a transpor a zona resplendente e a profanar aquele espaço que o Pai lhe havia proibido.

Esquecido da alegria indizível da amorosa fusão na infinidade da Graça Geradora que, no Seu ardor, acalma toda ânsia e sacia todo desejo, penetrou no cobiçado mistério.

O sentimento de apreensão que experimentou, transpondo o vedado limite do insondável fê-lo deter-se, apesar do agulhão da curiosidade, ante a imensidade de sua audácia.

Às suas costas, o esplendor amoroso da Chama Paterna e a felicidade, na harmonia de luzes e de cores, dos bem aventurados vibravam na distância. Ele estava só no tenebroso silêncio; só na escuridão profunda que a sua frente lhe fugia, quase temerosa de ser violada pela sua luz.

Mas a consciência de seu esplendor, que parecia crescer à medida que avançava, tornava-o orgulhoso e o encorajava.

Naquelas trevas ele resplandecia, como nunca, de inusitado clarão e as sombras fugidias que, ao alcance de suas emanções resplandecentes, se retraíam quase se inclinando humildes e convidativas, ofereciam ao seu orgulho nascente maior incentivo para desenvolver-se.

Esquivo e convidativo, o infinito reino da sombra, desconhecido e proibido, estava a sua frente quase na expectativa de um *fiat* novo e maravilhoso; e ele sentiu-se, na treva, como transmudado em um centro luminoso.

Assim, o orgulho apossou-se dele e o inebriava como o eflúvio do um aroma proibido e perturbador.

Sua luz refulgia vitoriosa no reino da treva infinita: "por que não poderia parar para reinar e dominar"? E ao orgulho se juntava, insidiosa, a soberba, incitando-o à revolta contra a proibição de superar o limite interdito. Mas esse estímulo doloroso tinha o poder de sacudi-lo, e ele ressurgia das trevas à pureza incontaminada e feliz do Fulgor Paterno, angustiado e taciturno.

Milênios e milênios decorreram. . .

Luz lutava ainda consigo mesmo, presa freqüentemente da lancinante dor do remorso, frente à amorosa efusão Paterna, vencido, muitas vezes, pelo desânimo, quando aflorando do incomensurável oceano da treva interdita, comparava a sua luz A imaculada, vitoriosamente esplendente e feliz nos sete graus da rosa angelical.

Mas a pungente solicitação da vaidade convidava-o sempre mais insistente e longamente ao proibido, que ocultava em si o veneno da orgulhosa revolta.

Milênios o milênios decorreram...

Agora a única felicidade de Luz consistia em permanecer o mais possível nas trevas sem fim e aí considerar-se e admirar-se como centro infinito, irradiando fulgores admiráveis que desapareciam apenas voltava junto à Divina Chama.

Contudo — o orgulho lhe sugeria — não era ele, porventura, emanção da Luz Criadora? Não estava nele a própria potência criadora do Pai, que lhe havia confiado o governo de todas as suas criaturas? E, se lhe fora concedido tanto poder, por que devia ser-

Ihe vedado o humilde e fugidio reino das trevas? A sombra que ora Ihe fugia teria, reconhecida pela sua atividade criadora, participado de sua emanção luminosa.

Desejando que as suas formas mentais, naquele plasma informe se condensassem e concretizassem, chamou a si a sombra.

*Quis*, e a sua vontade consubstanciou-se. Pôde amalgamar-se e dissolver-se, segundo o seu desejo.

A ansiedade que o havia possuído, depois de haver manifestado a sua vontade e a expectativa não isenta de temor com que havia contemplado as primeiras realizações, cederam a uma quase prudente timidez que ele manifestava no consubstancializar-se em novas formas no plasma fugaz. Modelando os aspectos, que ficavam nas várias transformações cada vez mais apurados e completos, adquiriu pouco a pouco maior segurança de expressão e ele se *quis* sempre mais belo e admirável, em imagens a mais e mais perfeitas e magníficas.

Uma alegria louca o inebriava. Acreditava-se igual ao Único: também ele criava. A seu talante consubstanciavam-se, no dócil plasma etéreo da sombra, figuras de graça fascinante.

Pelo seu querer nasciam as inúmeras variedades dos aspectos e de formas, o mutável mundo dos fenômenos: criaturas de beleza radiante; paisagens encantadas; flores de fragrâncias mil e das mais variadas cores; todo o ilimitado e inimaginável mundo da fantasia criadora.

Então surgiu o pensamento da revolta: "ELE, da luz não criou senão a luz; eu, da obscuridade informe, criei o reino da beleza. Eu sou igual a ELE; eu sou mais do que ELE".

O pensamento da revolta brotara, e Luz se condenara.

Atraídas pela nova experiência, arrastadas ou envolvidas pelo mesmo desejo de consubstancializar-se, muitas das centelhas divinas, partes da essência resplendente da sétupla rosa que estavam sob a custódia de Luz, imitaram-no.

Esquecidas de que a infinita felicidade eterna consistia somente em aspirar a mais alta perfeição e pureza do espírito, buscavam agora àquele plasma material que cada vez mais as aprisionava na sua ânsia.

E elas não adoravam mais a Suprema Causa Criadora, a Onipotência Paterna, Deus, mas volveram a sua culposa atenção para adorar a si mesmas.

E esse foi o início da queda...

O olho de Deus, o Onividente para quem a própria imensidade do espaço não tem mistérios, viu a Sua Luz, difundida em Suas Criaturas, ofuscada cada vez mais pelo véu opaco de desejos sempre crescentes.

A Sua Onisciência não podia escapar a causa; sabia que a Lei Suprema fora violada, mas, havendo deixado a cada uma de Suas Criaturas o livre arbítrio, esperou que a culpa não aumentasse.

Mas, também então, a Graça Paterna não quis aniquilar aquele que o Seu Fogo Criador, num ímpeto de amor, tinha gerado, e, na constante efusão amorosa com as Suas criaturas, não permitiu que outras luzes se precipitassem nas trevas. Ordenou, por isso, às centelhas que haviam caído no erro que se afastassem da luz:

"Que o vosso desejo se torne a Minha ordem" — foi a suprema determinação, e na treva a que tolamente se tinham dirigido fez residir o princípio material das centelhas culpadas.

Impôs que, desde então, a matéria não fosse a companheira voluptuosa de um capricho, mas o fardo doloroso que sobre elas pesaria, em uma sucessão ininterruptamente expiadoras de vidas, através das quais se conseguiriam purificar e redimir.

Só aprisionando-as no cárcere cego da carne, na limitação angustiosa das imperfeições da matéria, de suas faltas e traições, poderiam iniciar a devida expiação. Somente pelas aflições e angústias da instabilidade da jornada humana, do amargo e doloroso pranto que dela emana, atingirão o batismo salutar que pode permitir entrever, da prisão terrena, a primeira esperança de luz.

Por milênios e milênios, através do mortificante filtro das paixões, na angustia desse contínuo morrer de cada instante, que é companheiro inseparável da criatura humana, no perene retorno da vida, superando vitoriosamente obstáculos cada vez mais árduos e difíceis, dominando a sedução corruptível existente na própria cadeia mordente, conquistando nessa vitória o caráter real da sua origem, elas, centelhas divinas que haviam pecado, deveriam reencontrar a força e a pureza para remontar à Fonte puríssima e eterna de todo o bem.

E na adamantina claridade, que já as havia feito brilhantes na inefável harmonia, tornariam a resplender de felicidade imortal no seio do Criador.

É esta a Lei do Karma da matéria, que naquele momento, leve o seu início. Por ela nasceram os universos, os sóis, os planetas, as terras, os homens.

O Onipotente Esplendor do Pai ordenou: — "Que a evolução dure tanto quanto um Meu respirar" — e no insondável seio dos abismos cósmicos, pela emanção de Sua Vontade, criaram-se as condições necessárias à execução da Sua Ordem.

Partindo do Infinito Centro Divino, em vibrações sempre mais vastas, que, irradiando de todos os lados e regiões, se ampliavam para atingir o término da expiração Paterna, o Movimento Criador estabeleceu as trajetórias que foram percorridas pelas esferas luminosas. A luz que fora o ornamento precioso tornou-se energia, concentrando-se em os núcleos que a massa gasosa envolvia.

Os invólucros desses núcleos evoluíram por milênios, ao longo das trajetórias infinitas, na preparação do que deveria ser o princípio das futuras sedes das almas culpadas.

Depois, cada um, pela expressão da Potencia que não tem limites a Sua Força, pelo equilíbrio da criação, explodiu, formando seu universo.

Na lei que os movia, os compactos gasosos dos planetas e dos satélites começaram a evoluir em torno do núcleo central da massa energética, futuro sol de cada universo, uniformizando-se cada vez mais com a lei da transformação... *O alfa e o omega da vida se haviam iniciado...*

Milênios transcorreram...

Em cada centro energético solar, as almas que haviam pecado ficavam à espera de iniciar o Karma purificador.

As massas aeriformes girando nas trajetórias, sem descanso, condensaram-se. Os gases tornaram-se magma, esse se solidificou, e sobre os planetas desceram, dos sóis, as primeiras almas culpadas ansiosas de iniciar a prática purificadora que, através lutas e provas sem número, lhes daria a força de remontar novamente à pureza absoluta e de realizar a ascensão à Suprema Chama Criadora.

Daquela roupagem, a princípio tão desejada e ora pungente de espinhos que as comprimia como uma capa opressiva de dores fixaram ansiosas o olhar na longínqua infinidade do cosmos no constante desejo de desvelar o profundo mistério que as envolvia, e a razão da vida.

Enquanto assim se iniciava o Karma das almas culpadas, o príncipe da luz que deveria ser para sempre o seu guia e farol, fonte de toda a beleza e de todo esplendor, tornou-se, ao contrario, exemplo e incitamento para o abismo. Pelo querer da Suprema Justiça Onipotente foi relegado ao reino das trevas. Tornava-se assim Lúcifer, o anjo decaído, o príncipe dos demônios, o eterno tentador, encaminhado às regiões inferiores e,

porque havia atraído outros a segui-lo, devia ainda persistir nu sua obra de tentador, fazendo mais árdua e dolorosa a volta ao Grande Fogo Criador dos que o haviam acompanhado.

Essa é a sua missão a serviço do Querer Supremo e, para que pudesse desempenhá-la, foi-lhe negado tomar para si próprio aquela carne que tão tenazmente procurara.

Preso à cadeia da sua pena, na plena consciência do seu ser, ele vê a imensidade de seu erro e deseja ardentemente a DEUS, enquanto a consciência do futuro lhe atormenta sem tréguas o espírito.

Milênios transcorreram...

Quando, no ritmo aspirante do hálito imenso do Eterno, os universos voltaram a ser absorvidos em feliz curso concêntrico, em loiros evolutivos de trajetórias de alegria, em direção ao almejado Centro Infinito, quando as últimas almas tiverem atingido a luminosa e ansiada meta e a terra for um desolado deserto, somente então ele poderá finalmente iniciar a sua purificação encarnando-se. A última mulher o conceberá, deixando-lhe como herança uma vida atormentada sem o dom do repouso que a morte concede a cada mortal.

Durante milênios ele assistirá impotente, à perda de tudo e de todos, à destruição da sua paixão, à desagregação, átomo por átomo, daquela matéria a princípio tão ardentemente desejada.

Errará no mundo vazio e desanimado, naquelas trevas tão almejadas, no silencioso albor espectral daquela obscuridade que violara. Na noite sem fim lhe fará companhia unicamente o eco de seu lamento atormentado por mil indizíveis torturas e o agulhão implacável de sua insatisfeita sede de luz.

Milênios transcorrerão, e das chagas abertas da sua dor pelo exílio sem nome fluirá a água que cancelará a sua culpa.

No esplendor soberano de todos os esplendores, cujo fulgor inefável não pode ser concebido pela mente humana, na flamejante e deslumbrante claridade daquela Luz que é Sabedoria e Amor, Potência e Harmonia, Eterna Fonte de toda vida e de toda perfeição, junto à Infinita Majestade da Onipotência do Pai, foi elevada, em lugar do anjo decaído, a radiante fidelidade de Mickael que resplandece da Sua potência.

Ele teve a seu lado Gabriel, que se adorna do Seu amor, e Rafael que se ilumina da Sua Sabedoria.

Essa Divina Tríade, conduzida pela majestosa força de Mickael, que, recebendo poderes da infinita energia da Causa de todas as causas, representa e retoma o eterno signo

da vitória, pediu e obteve da Graça Suprema a permissão de proteger as almas perdidas, guiando-as no exaustivo caminho da ascensão.

E a missão da Divina Tríade perdurará até que o infinito respirar do Pai haja terminado, quando todas as centelhas que um dia foram emanadas sejam novamente reabsorvidas na Sua Grande Luz.

Relegado Lúcifer àquele abismo que tanto havia procurado e que fora razão de sua queda, formara-se na Divina Trindade um vácuo.

O equilíbrio supremo fora violado, mas a Harmonia Eterna se restabelecera com um novo inefável ato de amor .

O Paterno Centro Criador quis que, ao lado da *Sua Augusta Potencia*, se acendesse a *Eterna Luz do Infinito Amor do Filho* para balancear a *Eterna Justiça do Espírito*.

Da infinidade cósmica do Seu Querer emitiu outra centelha, o no vazio criado pela queda do anjo renegado surge triunfante o Filho de Deus.

Ao conhecimento que não bastara para salvaguardar a pureza da luz concedida às criaturas, mas que contribuir para ofuscá-las, sucedia o incorruptível esplendor do Filho, Amor, novo farol aceso no caminho sem fim da eternidade. O primeiro havia, com o estímulo do desejo, levado a luz a confundir-se com as trevas. Ele, com o exemplo do sacrifício, reconduziria as criaturas das trevas à luz.

A suprema harmonia da Lei foi assim restabelecida.

# DEUS

Assim falei, meu filho, procurando ser compreendido, buscando explicar-te o primeiro mistério que é o teu mistério porque tu o viveste e o suscitaste e tu mesmo o ocultaste nas infinitas páginas das tuas existências.

É o drama cósmico vivido continuamente na torturante ânsia da carne em perene procura de Deus.

O Seu nome é a semente zelosamente guardada, é o tesouro precioso da infinita eternidade, é a luz que te iluminou e ilumina dando-te, com seu hálito de potência, o espírito da vida e a consciência de compreendê-la.

A idéia de Deus está enraizada profundamente em ti, porque faz parte de tua própria vida, e apesar das negações de muitos, Ele é o suave sopro do pensamento, a chama do coração, a razão da alegria e da dor.

Imediato e interpretado na matéria vivente, e, contudo infinitamente dela afastado, Deus é o absurdo e o real, fundidos numa sucessão de tempos e de valores que formam a única existência do Todo. É a essência pura que se irradia ilimitada, infinita, sem causas, através da vida que pulsa insciente, no espaço cósmico.

Mesmo quem n 'ELE não crê não pode negar *a priori* a realidade daquela força de harmonia e de equilíbrio que sustem o criado e domina toda manifestação. Chamando aquela força *natureza* estará chamando *Deus*; chamando-a *vida*, chamará *Deus* manifestado e infinito.

Toda e qualquer linguagem e alegoria nada mais fazem do que confirmar a existência desse Absoluto Incriado Criador, e de uma Divina Sabedoria que escapa a qualquer indagação.

O Incrédulo é muito presunçoso quando nega essa Existência Superior e, quando combate o fervor dos que conseguiram percebê-La e compreendê-La através da sua fé, muitas vezes se obstina nesse seu exprimir-se de modo a falsear as verdadeiras idéias que, no fundo, são sempre as mesmas.

A humanidade fala diversas línguas, é constituída por diversas raças e múltiplas gamas de temperamentos, mas o homem é sempre igual na expressão de seus motivos de alegria e de dor, de necessidades físicas e espirituais; assim também, embora expressa diversamente, é idêntica a concepção fundamental de Deus nele radicada.

Por que Deus está em tudo, aqui, ali, em cada lugar, em cada pedra, em cada gota, em cada átomo. Recolhe em Seu seio de sombra e de espaço o esplendor dos sóis e dos mundos; tece as divinas harmonias da vida e da morte no livro da eternidade; alimenta os esplendores e os horrores dos abismos siderais.

Em toda parte ELE está, todas as coisas estão n'ÊLE, porque ELE está em toda parte e em todas as coisas. Incognoscível, inconcebível, longínquo e não obstante próximo, porque faz parte de ti, está em ti mesmo, hálito e força, espírito e matéria, pensamento e consciência, e não te poderás nunca separar d'ÊLE porque ELE está identificado na tua carne, na tua mente e no teu coração, porque é a parte inevitável de ti que és inevitavelmente d'ÊLE.

Não haverá morte ou culpa que possa afastar-te de Deus, Imenso Todo, porque daquele Todo Eterno, horrível ou radioso como puderes compreendê-Lo através do terror ou do amor, sentir-te-ás prisioneiro.

Quem souber concebê-Lo como expressão de Amor O admitirá e amará; quem, ao contrário, intuir apenas a Sua Potência sentirá terror, negá-Lo-á e combatê-Lo-á, porque terá medo de Sua Justiça, da Sua Luz e preferirá entrincheirar-se no materialismo inconsciente e incoerente, no naturalismo que nega o espírito para justificar e exaltar todos os excessos da matéria.

Contudo, que suprema felicidade poderás encontrar no sopro vivificador da Sua grandeza! As estrelas falam uma suprema linguagem a quem sabe entendê-las. Escuta! Todo o Criado, com a harmonia de seus esplendores, canta o hino da vida ao seu Criador.

Durante tua breve e fugaz passagem terrena, sabe que, sem a idéia da realidade de Deus, cada coisa criada por ti, cada alegria e cada dor vividas, cada pensamento projetado, cada afeto perder-se-iam inexoravelmente na medrosa e obscura noite do tempo; a tua morte seria o princípio e o fim de um horror e a tua existência uma forma vã na qual a fé e a esperança não teriam razão de existir.

O porquê do ser e do vir a ser se afirma, ao contrário, na certeza da tua eternidade inconsciente e da eternidade consciente do teu espírito, fazendo-te sentir Deus inelutavelmente.

Não debes procurá-Lo nas fórmulas químicas, mas nos Seus prodígios cotidianos que se desenvolvem no mistério do microcosmo e do macrocosmo, no Seu imenso respirar, no Seu Infinito espaço celeste, na Sua sombra, na Sua luz.

E dirás então: "Ó Deus ! Perdoa as minhas culpas, ilumina de sabedoria o meu coração, faze com que eu possa aperfeiçoar o Eu interior, a fim de que me torne digno de

Ti, Absoluta Perfeição, porque eu creio em Ti, eu Te sinto na eternidade do meu espírito, na beleza dolorosa da minha vida, neste Todo que me circunda e que me foi dado por Ti, meu Deus" !

## O EQUILÍBRIO, PRIMEIRA LEI CÓSMICA

É difícil para o homem imaginar a suprema harmonia que reinava no cosmos antes que a culpa de Luz a houvesse perturbado.

Na estaticidade de cada coisa que penetrava a noite infinita, a sombra sem luz circundava e guardava zelosamente no seu escuro reverente seio o insuperável esplendor da luz sem sombra, raiz da primordial Essência Divina.

Foi o ser, impelido pelo desejo de tentar na sombra a procura do fiat material, quem perturbou a harmonia primordial. Daquele desejo, com a culpa, teve origem a vida. E no eterno conflito entre a vida criada — com os seus múltiplos aspectos e por isso sujeita ao domínio de todas as causas das quais se tornou o efeito — e o espírito, incriado, eterno porque divino, e assim livre do seu arbítrio de que é a causa, mas prisioneiro de todos os efeitos, surgiu a desarmonia.

Mas o Absoluto quis a evolução dos que caíram e do caos por eles provocado teve início a cadeia dos acontecimentos aptos a restabelecer, com a própria manifestação dinâmica, o princípio do equilíbrio.

E o equilíbrio, filho da Harmonia Suprema, foi o efeito imediato e benéfico da atuação e manifestação da divina eternidade da Lei no cosmos.

Tornou-se o impulso animador do oceano infinito, o potente sustentáculo e mediador das expressões, quando essas tiveram razão para manifestar-se. Acima de todas as outras leis submetidas à sua disciplina, tece e restabelece continuamente, no infinito reino do tempo, a harmonia perturbada, coordenando os diferentes e contrastantes fluxos de vida.

Semelhante a uma rede que interpenetra e sustenta o ilimitado edifício cósmico com as suas malhas de causa e de efeito, envolve o homem com a sutilíssima trama de necessidades materiais e espirituais, mas não se manifesta para ele com a mesma férrea inelutabilidade com que domina todas as demais coisas animadas pelo seu movimento.

Se o equilíbrio, imanente em cada átomo, manifestado no homem e latente na pedra, é a força animadora que detém as rédeas de todos os mundos e de todos os sóis, sendo o alfa e o omega de cada manifestação através da qual emana sua energia e põe em movimento a lei da evolução para obedecer a idealização da mente da Mente Universal, ele torna-se tal só porque foi o homem que perturbou a harmonia primordial.

E o homem, embora subordinado à lei imposta pelo princípio evolutivo do karma cósmico, deve encontrar por si mesmo o espírito e a matéria, entre o mundo exterior e o interior, o equilíbrio dinâmico e espiritual, aquele equilíbrio que, embora fazendo parte do Todo, deve partir dele, da sua harmonia que o impele a subir a escada da evolução e do superamento.

O pensamento, a razão, a consciência não são só expressões retóricas mas manifestações de uma força que promana do homem.

É no grande cadinho da vida dinâmica que existe o "quid" essencial da ação e do pensamento, condição absoluta para que cada um possa estabelecer em si e ao seu redor aquela harmonia que fará com que se detenham as suas paixões. Porque ninguém pode adiantar-se no caminho da verdade sem que tenha realizado primeiro, em seu íntimo, o perfeito equilíbrio.

Ele, anulando qualquer perturbação que o tumultuar da vida humana pode desencadear, mantendo o espírito naquele nível constante de serenidade, de tranqüilidade e de paz que permitirá a perfeita e precisa visão das coisas. A própria visão harmoniosa que se pode gozar fora de cada mundo, imerso no reino sem espaço e sem tempo, templo real da realidade cósmica de DEUS.

## A AÇÃO, PRIMEIRA LEI DA VIDA

Quando no Todo nada existia, o Motor Imóvel Absoluto emanava unicamente a perfeita apoteose da luz separada das trevas, porque a luz ainda não era fogo.

Coisa alguma havia sido criada, coisa alguma havia tido princípio e a suprema harmonia era a única lei que reinava soberana. Somente quando o erro de Luz perturbou essa lei, o hálito radiante da Divina Vontade penetrou no nada ilimitado e a matéria tomou forma dando origem ao todo limitado.

O fulgor da luz despertou as energias latentes e da grande chama do pensamento de Deus se libertou a vida para fazer-se eterna e exprimir-se nos abismos escuros e misteriosos do cosmos.

A Potência estática se tornou Potência emanante e do Seu supremo querer, para restabelecer o equilíbrio, emanou a lei do movimento.

Desde aquele instante, no espaço ilimitado, começou a vibrar sua ação vorticiosa e roteante, do Alfa inexistente ao Omega inatingível, para assegurar o processo da evolução por Ele desejada. Se Luz, na treva proibida e da sombra desejada havia projetado o plasma do seu pensamento, a Divina Chama, com o frêmito do Seu sopro criador, havia projetado o plasma vão da maioria a cuja escura e não obstante necessária prisão havia relegado o espírito qual energia motriz de vida. O ser surgindo do não ser se tornaria o ator errante do eterno mundo estelar, o a sua vida e a sua morte ficaram sujeitas a essa lei que dominou cada manifestação.

Daí em diante, a ação, sinônimo de movimento, significa o princípio vital da matéria e, na ação prisioneira e animadora ao mesmo tempo da estática eternidade, nasceu o misterioso impulso da criação.

Em virtude desta lei maravilhosa, o fogo primordial brilhou nos sóis que receberam e emanaram as divinas energias; os planetas giraram em torno desses centros flamejantes e os universos começaram a expandir-se para a viagem eterna no espaço infinito.

O movimento restabeleceu o equilíbrio que, expresso na matéria, não mais podia ser harmonia compreendida na suprema concepção, a fim de exprimir-se em cada forma.

Todo o mecanismo do cosmos foi interpenetrado pela possante atuação desse movimento, e sob o império do seu sopro animador, criador e destruidor ao mesmo tempo, renovador e modificador da matéria, a substância abstrata tornou-se magma plástico e

mutável no qual o espírito completaria a sua purificação. A vida, sendo sujeita a modificações, obedeceu ao comando indiscutível, oriundo das fontes ocultas do tempo e do espaço. A roda dos renascimentos, obedecendo ao impulso da lei que a impele a sua eterna sucessão, contém a revelação do ato presente e o mistério da ação futura, tendente a amadurecer a divina realidade da consciência humana. E isto porque coisa alguma pode escapar à necessária fatalidade do movimento que, só mediante o domínio da manifestação, poderá exprimir a força que a anima.

A lei do movimento foi e é uma necessidade impulsionante da purificação material emanada, com as outras leis, da Suprema Harmonia, para equilibrar a desarmonia criada pela queda, na sombra, das centelhas de luz.

Nesta suprema manifestação legislativa se irradiou o prodígio inefável do amor do Pai pelas Suas criaturas, daquelas criaturas que são a Sua parte ativa.

Foi a Bondade Divina que, aplicando essa propulsora lei natural, quis colocar a consciência dos Seus culpados e inocentes filhos diante da realidade do mistério do ser e do vir a ser. Os filhos são, de fato, o eterno presente, impulsionados pela lei para um objetivo que só poderá ser alcançado pela vontade consciente deles.

No movimento rítmico, no qual os pulmões aspiram o ar, o sangue circula veloz nas veias do corpo, as células se multiplicam e tomam o lugar das esgotadas e mortas, está oculto o mistério da vida; se qualquer das funções físicas devesse interromper o seu movimento prodigioso, a vida ver-se-ia infalivelmente cortada.

Todavia, para além de toda a manifestação material existe outro movimento que sintetiza as atividades das quais o homem tira o impulso da evolução espiritual.

É precisamente em virtude do prodígio inefável da humana funcionalidade fenomênica que o homem encontrará a divina harmonia dominando todas as manifestações, seja encerrada no corpo vivo e palpitante, seja operando na realidade do espírito.

Da harmonia das ações deste dúplice binário matéria-espírito ou pensamento e ação, a mente humana atingirá a compreensão perfeita da sua divina realidade, primitivo fulcro este que fará ressurgir a beleza da sua alma ansiosa pelo absoluto de Deus.

O sinal da Suprema Vontade que se manifesta com a maturação cósmica dos tempos, deve impelir o querer do homem no sentido de agir para o bem, a fim de que suas ações, realizadas em nome do Pai, possam dar origem ao futuro puríssimo da Sua Essência.

Somente a ação pura tem valor, isto é, aquela atividade isenta de qualquer ligação com as coisas e pessoas, livres desses elementos materiais, não nascida do ego material,

mas originada, movimentada e inspirada pelo Eu divino, eterno, impessoal e consequentemente altruísta.

A ação pura supera o restrito limite do ego para expandir-se no mais vasto campo de outrem. Abandona a treva pungente do fardo material para elevar-se, no desinteresse amoroso do Espírito, à luz universal do único Sol.

O *Eu* se despe, assim, de todo interesse mundano, de todo desejo e torna-se entidade essencialmente espiritual; torna-se ação pura do espírito, ação pura que, desligada do ancoradouro da matéria, sente a unidade universal do Espírito do Pai, da Unidade Criadora e naquela Unidade se reconhece, naquela Unidade divina ama, prodigaliza, vive e age. E ainda naquela Unidade Divina e Universal, pode dizer ao Pai que está no secreto : *"Pai nosso, que estás no Céu, foi feita a Tua vontade"*.

Essa é a santidade da ação.

## OS SETE KARMAS

O tempo e o espaço são o escrínio infinito e eterno que encerra e fixa todas as emanações da existência humana com as suas experiências e as suas dores.

Cada coisa manifestada torna-se inconscientemente o centro focal de uma onda que projeta ao infinito a sua vibração, gravando cada ato e cada acontecimento que se inclui assim eternamente na vida cósmica.

Nada se perde no infinito porque o infinito é o finito das expressões que aí se desenvolvem.

Segue-me e Eu te explicarei mais claramente esse conceito que parece um absurdo.

Fecha os olhos e imagina que todo o espaço está contido em uma grande esfera de cristal. Procura fazer-te pequeno, suficientemente pequeno para ser habitante de um dos infinitos grânulos de pó ou de um dos inumeráveis átomos que navegam na bolha fechada que o teu universo representa.

Acreditas, então, que daquela prisão possa escapar algo do que lhe pertença?

No centro da esfera imagina o Pensamento Divino no plano manifestado que desenvolve, em um eterno presente, o Seu poder construtivo na formação das coisas; Ele projeta por isso as imagens que geram as manifestações, presidindo o princípio da escala kármica.

É a onda da Vontade Primeira que, descendo do Centro da Vida, liberta o karma cósmico no seio do universo. Gerado por aquela onda, o ser é criado, fixado, projetado através do espaço que o detém quando a sua energia se choca com a superfície interna da cintilante esfera.

E do karma cósmico tem início o karma universal das coisas e das criaturas que se agitam e vivem no infinito finito de seu universo.

Quantos esplendores distantes de ti, além da tua esfera, se apresentam aos teus olhos?

Cada coisa te aparece clara e, contudo inatingível, e tu, que crês ser livre, és prisioneiro da bolha da galáxia que faz parte da tua vida. Encerrado nos muros transparentes da sua influência, és transportado ao infinito ligado irresistivelmente ao seu destino.

Mas os muros da prisão não terminam aí, e o destino da criatura humana é limitado também por outros liames porque ela, do infinito ao finito, está sujeita às repercussões de

uma cadeia de leis às quais não pode subtrair-se senão superando os obstáculos que se interpõem entre ela e o Eu divino.

E o karma dos planetas exerce a sua inelutável influência no destino da humanidade e dos simples indivíduos.

Na tua ilha universal brilham milhares de sóis, giram globos de fogo líquido e de poeira ígnea, sombras protoplásticas de mil terras destruídas, criadas e projetadas, corpos também prisioneiros da força magnética do espaço-tempo que os encerra no seu férreo círculo de ondas.

Apesar disso, eles, que fazem parte das primeiras manifestações da natureza, recolhem o poder evolutivo físico projetando-o aos homens que nascem sob a sua influência.

É esse um dos aspectos abstratos de uma cadeia de efeitos que presidem sempre o destino causal do homem-matéria.

Por destino causal quero fazer-te compreender o destino derivante do contraste dos karmas superiores que dominam os inferiores pela lei de equilíbrio a que nada e ninguém pode fugir.

Outra força que contraria a ascensão do espírito é o karma coletivo, isto é, o da humanidade.

Esse é o quarto fluxo da divina força que desce sobre os homens a fim de que eles possam executar, através dos ciclos do ser e das formas, a sua setenária evolução para tornar-se perfeitos.

Mas quantas provas devem superar antes que a sua primitiva essência se torne novamente uma só coisa com o Absoluto ?

O karma coletivo, portanto, contém em si os três princípios superiores e os três princípios inferiores.

É nele que se encontram as três forças que descem do alto e as três forças que saem de baixo, e é nele que se chocam o espírito e a matéria na grande batalha do Bem e do Mal.

Apenas socialmente o homem pode manifestar o grau da sua evolução, adquirido através da escala ascendente do progresso, o é na coletividade que ele pode servir-se da sua mente, do seu conhecimento e da sua sabedoria.

O homem sozinho não teria necessidade de nada e não procuraria nem mesmo o porquê da eternidade. Ele deve ser acompanhado na sua viagem pelas inumeráveis criaturas que gozam e sofrem a sua mesma medida, para sentir o impulso da evolução e a

necessidade de semear os frutos do intelecto afim de que assinalem as etapas da sua passagem.

É uma exigência instintiva da humanidade a de projetar no tempo, eternizando-as, as obras que gravam os seus destinos.

E naquele destino o homem está incluído porque faz parte do ciclo histórico ao qual se liga o karma familiar.

No âmbito da família ele vive a vida que lhe foi transmitida e, à espera de tomar-se o meio de doar também ele uma nova existência, afrontará as tempestades humanas e as grandes correntes da história planetária.

Se a morte e a vida, bem como o progresso, a civilização, a arte e a ciência com os seus altos e baixos na evolução cíclica são os fatores que ocupam o primeiro lugar na vontade coletiva, que é instigada sempre por poucos homens, esses fatores se repetem de maneira secundária e mais equilibrada na família. Porque na família não é apenas o sentido do dever que domina, mas o dos afetos que aí se exprimem.

Chega-se assim ao destino individual do qual cada ser é árbitro e que servirá para fazer refulgir a força de seu espírito.

É esse o karma que, embora dificultado por milhares de lutas, tem uma força toda própria, autônoma, espiritual.

É a vontade do espírito da criatura humana que se manifesta no destino, é a luta do *puro eterno* contra a sombra *temporária*.

Nessa luta deve atingir a concepção de si mesmo e, embora preso no vórtice do grande movimento dos karmas, ele deve encontrar a realidade única da sua consciência incondicionada e a essência pura do ser.

Para fazer isso deve descer ao universo manifestado, vestir-se de matéria e, através do ciclo das encarnações, remontar as leis kármicas as quais, do nada ao todo, o manterão prisioneiro até que haja alcançado a perfeição.

E no longo caminho de ascensão se encontrará envolto na sétupla cadeia que preside a harmonia dos karmas :

1) *Karma cósmico* : que no plano das emanções manifesta a Lei no absoluto coletivo cósmico do tempo e do espaço.

2) *Karma universal*: que exprime o princípio da Luz no agregado coletivo universal no plano espacial e temporal.

3) *Karma planetário*: que manifesta o Movimento no coletivo material.

4) *Karma coletivo ou social* : que recolhe as manifestações da Lei, da Luz e do Movimento nas sucessões de acontecimentos, que deverão exprimir-se no conjunto coletivo.

5) *Karma familiar* : que exprime a vida na manifestação dos afetos e dos sentimentos.

6) *Karma individual*: que é aquele que diz respeito ao homem preso a si, em frente a seus problemas e as suas provas de superamento espiritual.

7 ) *Karma atômico* : que representa o princípio da vida no todo coletivo cósmico para a formação material.

Nessa grande cadeia de fluxos evolutivos o espírito se encontra envolvido como num imenso ovo.

De fato, mesmo nas mais banais manifestações naturais se podem encontrar refletidos os mesmos princípios divinos. Tomemos por exemplo a vida de um pinto encerrado, antes do nascimento, pelas emanações luminosas do *corpo astral* ou princípio vital positivo<sup>1</sup>; pela *casca* de duro calcário protetor; por uma película ou cobertura isolante do embrião líquido-físico; pelo alimento primordial da *substância albuminosa* e pela gema que contém, no sêmen germinal, o princípio negativo<sup>2</sup> da vida de seu pequeno coração.

E, com o *hálito elétrico*, que é o impulso apto a desenvolver a vida-espírito do pinto, temos as sete manifestações que acompanham sempre cada existência.

Como a matéria diferenciada de cada sistema solar existe sob sete condições diversas, assim o homem é composto de sete princípios e está sujeito a todos os supra-mencionados sete karmas, porque, se todo o Cosmos se exprime no número nove multiplicado ao infinito, a evolução da forma externa ou corpo é executada só através do setenário.

Quando o princípio elétrico aprisionado no ovo sente a absoluta necessidade de superar o restrito círculo da sua contingência, tende lentamente a liberar-se através de um processo físico-químico.

---

<sup>1</sup> Positivo – como expressão de vida astral

<sup>2</sup> Negativo – como expressão de vida física

Põe agora em movimento o seu dinamismo e, vibrando, chama a si as energias latentes da matéria, condensa-as, plasma-as no sêmen germinal, alimenta-as na gema, desenvolve-as na albumina, rompe depois a camisa de força da película isolante e a dura muralha da casca que o tem conservado cruelmente prisioneiro somente para proteger a sua vida física, daquela casca que é ainda sua, mas não o será mais, que foi seu pai e sua mãe, embora não sendo nada de tudo isso.

E, feliz de haver alcançado a liberdade, piará de alegria ao sol que irá ferir, com a sua resplandecente luz, os olhinhos ainda cheios de sombra, mas já na posse da divina visão das coisas, dom que lhe vem do maravilhoso prodígio da vida.

Assim o homem aprisionado pela cadeia dos karma é livre de evadir-se deles mediante o progressivo esforço da sua vontade de evolução ansiosa de subir novamente a escala ascensional.

E nada de tudo o que ele realizar ou pensar ficará perdido.

Mesmo encerrado nas paredes do universo que o alimenta com a sua luz, pouco a pouco a sua potencia espiritual aumentará pelo adquirir de energias capazes de superar as esferas de influencias que o tem preso aos liames do destino.

Porque cada expressão e cada ciclo vital projetados no Pensamento Divino deixam a sua eterna marca no plano existencial da mente da natureza que põe em movimento a lei da evolução. Cada obra, cada idéia, quer dirigida para o bem ou para o mal, semelhante a uma onda em movimento se repercute no infinito. Mesmo se a emanção mental se anular na sombra do passado, o seu reflexo permanecerá vivo na eternidade do presente porque representa o Pensamento Divino Manifestado.

## O MISTÉRIO CÓSMICO DA VIDA E DA MORTE

No infinito do espaço interplanetário, entre a poeira estelar que forma as etapas luminosas dos universos em formação, existe uma grande força.

É uma força cosmogônica que, ligando sol a sol, planeta a planeta, estrela a estrela, demonstra que a grande e divina Lei de Deus está presente em tudo e que o destino dos mundos está compreendido naquela Lei.

As forças planetárias com suas convulsões que compõem e decompõem as massas magmáticas demonstram como esse mudo re-evoluir seja a expressão do movimento e do equilíbrio que constituem a razão primordial da vida.

Cada coisa está sujeita à lei da metamorfose e mesmo quando a aparência estática e estagnante da matéria em desagregação nos dão a certeza da morte, sob a máscara fria e inerte fermenta e se agita um movimento criador inverso àquele que havia gerado a forma, mas que dará, por sua vez, alento a novos aspectos vitais, a novas formas.

E no entanto, tudo morre, mas a morte nada mais é que a manifestação daquela força cósmica, planetária ou atômica que com sua desintegração transforma e renova toda expressão material necessária à evolução do espírito.

Todo acontecimento, criando um período breve ou longo, possui a sua razão oculta e profunda que transcende o interesse particular de um indivíduo, mas este está ligado ao Todo por essa força, da mesma forma que cada átomo, apesar de ter um movimento e um ciclo particulares, está ligado a um corpo por uma série de causas que são independentes da sua vontade.

Buscar o porquê da vida e da morte de um corpo, de uma ilha, de um continente, de uma civilização, de uma religião, de um planeta, de um astro, é tarefa árdua para a compreensão humana e é talvez mais fácil acreditar que cada coisa e cada acontecimento tiveram princípio no seu aparecimento e terminará definitivamente com a sua morte.

Mas, não é assim, porque todo o respirar da vida cósmica tem o seu por que indiscutível.

O nascimento, a morte, a existência de cada coisa criada, a humanidade com a série infinita das suas gerações traçam a sinusóide da sua passagem no tempo, criando vibrações de intensidade variada, que deixam o sinal da sua obra, as eras planetárias, períodos de barbárie ou de civilização.

O gênio do homem atual não é mais isolado como no passado, mas, pode-se dizer, coletivo; se esse desenvolvimento intelectual, porém, deu à ciência o meio adequado para exteriorizar as suas manifestações, pode-se constatar, entretanto, que a humanidade não tirou vantagem do que aparentemente parece uma conquista.

Sim, há realmente uma conquista, mas que não conduz à civilização do espírito, senão rumo às inferioridades de um período materialista por excelência.

A humanidade sai de um banho de sangue, de uma guerra tremenda; a convulsão do mundo agitou corpos e mentes, numa dissociação moral e material em que o espírito se debate.

O homem é levado a maldizer aqueles que, segundo seu juízo humano, desejaram e fomentaram, apoiaram e alimentaram essa imensa tragédia. Chorando o bem-estar passado, lamenta-se das chagas presentes, sem pensar que talvez a razão de toda a catástrofe deva ser encontrada nas suas próprias falas, porém, ninguém quer atribuir-se a responsabilidade e, alguns até, fechando-se no círculo do próprio egoísmo, não pensam que para além da morte existe uma vida muito mais bela do que a material; que para além de todo ódio e de todo rancor existe Deus; que acima de cada esperança vã ou ilusão oferecida pela matéria, reina e sobrevive a verdade do espírito e a beleza de uma nova era.

Realmente, esse tremendo furacão de fogo e de sangue desencadeado pelos homens tem raízes bem mais profundas e mais longínquas do que se possa acreditar.

Os astrônomos e os astrólogos relacionam-no com as manchas solares; os defensores da fé acreditam que a maldade do homem haja atraído a maldição divina sobre toda a humanidade; e os materialistas, ao contrário, invocam o jogo de interesses e de partidos pretendentes ao poder e ao nacionalismo ou imperialismo dos povos em luta.

Quem está com a razão ?

Qual das teses é a mais justa ?

Todas. Uma, porém, é a razão cósmica, outra, a espiritual, e a última, material. Cada uma tem a sua finalidade no quadro do Karma infinito.

Ninguém pode compreender o porquê de existir no espaço uma estrela maior do que a outra, ou ainda, num recôndito abismo do infinito ir buscar-se o porquê da necessidade do florescer da luz de uma nebulosa que confere vida ao vosso planeta e que,

em aparência, jamais atingirá o vosso universo. Assim, ninguém pode compreender que no infinito do tempo continentes hajam sido tragados e dos quais não vos chega senão a sombra de uma lembrança, como o caso da existência da Lemúria ou da Atlântida e de outros ainda mais longínquos de cuja existência nem suspeitamos sequer.

Se analisardes, porém, profundamente o processo de todas as coisas criadas, encontrareis uma analogia perfeita em cada acontecimento, ainda que no mais insignificante.

Tudo tem um princípio — tudo tem um fim.

Tudo tem um fim — tudo tem um princípio.

A necessidade de princípio se manifesta precisamente porque um acontecimento qualquer teve fim. A necessidade de um fim deriva, em contraste, de haver existido um princípio.

Onde, porém, tem início e onde termina um para dar lugar ao outro ?

Existe, talvez, uma razão e um ponto onde a ascensão se torna descida e a descida ascensão? Sim, existe, e esse ponto é a apoteose de uma realização.

Na vida, após a juventude vem a decadência da velhice. Na humanidade, sempre o povo mais civilizado decai e morre, como já ocorreu com a Lemúria, a Atlântida e, ainda mais próximos de vós, as civilizações egípcia, etrusca, grega, romana, etc.

Por isso hoje a Europa, como continente mais civilizado na evolução espiritual, traz impressos, nas suas terras, nas ruínas das suas cidades, na destruição de seus povos, na decadência dos seus costumes, na luta desesperada em defesa dos seus direitos que todos acreditam dar-lhe mas que ninguém os confere, os sinais de um aniquilamento cruel.

Essa é, pois, a razão cósmica que impera sobre todo o grande drama humano e que os astrônomos justificam com as influências magnéticas das manchas solares.

A outra é mais profunda, reside na alma humana e ao mesmo tempo na vontade Divina.

Para a evolução do espírito é necessário que o homem perca tudo o que, num ciclo, conquistou por meio de duras batalhas, para que um outro se possa iniciar.

Não é realmente mais perfeita uma civilização que nasce absorvendo daquela que morre tudo o que de bom e de belo ela proporcionou ao homem ?

A civilização egípcia foi mais perfeita do que a babilônica ou a assíria, assim como a grega foi mais perfeita do que a etrusca, e a romana mais que a grega.

O que, da civilização européia, o mundo todo não possui? Não partiram da Itália, da França, da Espanha, de Portugal, da Alemanha, da Inglaterra, ciência, sabedoria, idioma, arte, leis?

E não partiu, ainda, das mesmas fontes, a absurda pretensão do direito de dominar o mundo?

Se tudo houvessem dado, se a sua civilização houvesse podido realizar um compromisso mútuo entre os direitos da matéria e os deveres do espírito, haveriam encontrado o caminho do amor e do equilíbrio; a vida não haveria perdido o seu valor e o espírito, cômico dos seus deveres, se teria prendido a Deus e não ao materialismo ao qual a ciência do homem o havia conduzido. Deus quer que a luz brilhe sempre entre os homens e nunca a sombra que, mesmo revestida dos ouropéis do saber, perde o valor da sabedoria que é a maior virtude do espírito.

Não é mais a fé o credo fervoroso de um povo ou de um grupo de povos que detêm a primazia da civilização. Eles se acreditam muito evoluídos, muito fortes e se outorgam autoridade > para analisar Deus e Sua vontade como se tivessem a possibilidade de dobrá-  
La aos seus desejos. Julgam-se os críticos da obra espiritual dos seus pais e, para eles, o passado não é mais que uma curiosidade histórica, não compreendendo que dela deveriam tirar os ensinamentos para o seu espírito.

Cada ciclo, porém, revela a razão da vida e da morte e em nula agonia surge a realidade de um renovar-se perene, porque somente sobre as ardentes chagas da própria carne, da dor da matéria atormentada brotará a flor luminosa do espírito que se voltará sempre para Deus, como do tormento da terra arada surgirá a flor e o fruto para amadurecer à luz do Sol.

## O KARMA

Indagar-te-ás, porém, que valor podem ter os teus desejos nessa imensa rede de forças que te circundam e que impulso pode explicar a tua vontade na prisão daquele poder supremo que detém as rédeas do Cosmos.

Certamente uma força grande, misteriosa, imponderável pesa com os seus imprevistos sobre todas as coisas animadas e inanimadas e o homem, que sofre as suas conseqüências e efeitos, chama-a karma.

Mas o que é em realidade essa potência em ação, presente em toda parte com as suas manifestações? Quem ou o que equilibra as suas leis a que ninguém pode subtrair-se? Quem regula esse movimento kármico que vai do destino dos homens ao dos universos?

O karma representa o suceder-se no tempo e no espaço dos acontecimentos, quer singulares ou coletivos, dos ciclos que vão do finito ao infinito, do átomo à estrela, do homem ao universo.

A imensa cadeia dos destinos, permeando o criado com as suas leis férreas e harmônicas, tece na sua rede de causas e de efeitos o karma do homem, da família, da coletividade planetária e universal.

Cada ser humano durante a existência cria com as suas obras motivos kármicos; torna-se por isso o principal artífice do seu destino que será o resultado, o efeito e o conjunto de todos os atos e de todos os pensamentos por ele realizados. Porque não existem castigos ou prêmios mas apenas as conseqüências das ações, e essa verdade é a regra que deveria explicar o conceito de karma.

De fato no suceder-se das vidas o Eu divino pede, de quando em quando, as provas a superar, as experiências purificadoras que o remirão definitivamente dos desejos, das paixões, de todos os apegos que o ligam à carne.

Se soberba, vaidade, orgulho, cobiça, concupiscência, ira, preguiça, egoísmo têm sido os motivos determinantes da sua permanência ainda na matéria, é claro que ele deverá vencê-las com uma prática eficiente e contrária de humildade, modéstia, simplicidade, desinteresse, pureza, amor, operosidade, altruísmo.

Mas o *Eu* divino não poderá superar essa prática suportando-a como contraposição mecânica de termos limitados, impostos ou em contraste as suas tendências mas deverá ser um desejo da sua ascensão, uma vitória consciente e plena obtida em todos os campos e sobre todos os sentimentos.

A vaidade, por exemplo, nunca poderá dizer-se superada por um homem apenas porque, nascido em condições humildes, experimentando um sentimento de rebelião contra o seu mísero estado, não tenha sentido durante aquela existência o desejo de atingir um mais alto teor da vida; mas será vencida na condição de príncipe e de magistrado, de homem comum e de estudioso, de artista e de soldado, de rico e de pobre, de ator e de sacerdote, isto é, por todos os inúmeros aspetos da personalidade humana que o tenham ligado com as suas tormentosas cadeias à matéria.

Falei da vaidade; quantos são os seus derivados? Infinitos ! E os seus efeitos ? Também eles infinitos. E se para vencer a vaidade não pode bastar uma só existência, como poderia o homem superar em uma única vida todo o resto dos vícios e dos defeitos que estão nele ?

Surge, portanto, a absoluta necessidade da reencarnação, o único meio que te pode dar a possibilidade de tomar a subir a escada.

Também para a terra, como para todo o criado, foi necessário o superamento das provas que a têm atormentado. Assustadoras tempestades escaldantes e intensas frios glaciais, sublevações telúricas e explosões vulcânicas, aparições de monstruosas formas de vida e tremendos cataclismos a têm martirizado fazendo-lhe enobrecer pouco a pouco as formas e os aspectos.

Onde procurar de outro modo a razão desse contínuo transformismo que vai das coisas aparentemente inanimadas às primeiras formas rudimentares de vida?

A verdade transcendente desse dogma absoluto abrirá um vislumbre de luz na tua consciência e sentirás seguramente no íntimo a verdade profunda da imortalidade do teu espírito. Compreenderás que não nasceste uma vez somente e que a morte representa uma parada física da evolução iniciada por um número infinito de anos para a meta única, divina, que te aguarda no fim das tuas provas.

O karma, pois, é a prática purificadora da reencarnação determinada pela vontade catártica do *Eu* divino, pelas ações praticadas nas vidas passadas.

Despido, por obra do fenómeno da morte, da transitória veste da personalidade humana, em seguida a um período ultratúmular primeiro e astral depois, o *Eu* divino entra de novo no ciclo da existência.

Ele, consciente como espírito, tem a exata percepção do teu passado, revê os teus erros, as tuas culpas, os teus vícios e baseado em tudo isso, quer que o teu futuro destino

passa através das provas que ainda tem de superar ou de resgatar sofrendo os mesmos sofrimentos que causaste ou infligiste a outros.<sup>3</sup>

Eis a expressão da Divina Lei que tudo dá e nada pede, que não intervem para agravar uma pena, mas oferece o modo de expiá-la, porque Ela quer a tua salvação e não a tua perdição.

És tu mesmo que, baseado no adultério cometido na vida precedente, pedes para ser traído, porque feriste queres ser ferido, porque fizeste sofrer queres sofrer.

Tu mesmo traças o teu destino, descreves o teu futuro, prefixas as tuas doenças, as desgraças, as penas, a morte, que, depois, quando estás na terra, esquecido da tua origem celeste, te fazem tão injustamente dizer : "Deus, porque me punes assim ? O que fiz eu" ?

Deus sabe-o, nunca puniu ninguém, mas és tu, despertado sempre pelo Seu amoroso e íntimo apelo que te procuras purificar ansiando por voltar a Ele. O equilíbrio divino nunca põe sobre tuas espáduas pesos superiores ao desejo de expiação.

Lembra-te sobretudo que és o que fizeste, como serás o que fazes, porque são as tuas ações que assinalam o roteiro de tua vida futura. Esse é o karma e, mesmo se ele te impõe um amargo destino, uma luz resplende em cada amargura. Sabe segui-la.

---

<sup>3</sup>

O autor com *Ele* quer significar o espírito eterno, e com *tu* a personalidade humana transitória.

## A LEI DA DOR

Toda a evolução do espírito, por isso, está concentrada em uma grande lei: «a lei da dor», a lei viva das coisas criadas.

Mesmo se te parece estranha a classificação dessa lei, deves admitir que ela representa uma das mais importantes do humano evoluir. De fato ninguém pode evitá-la e todos devem experimentar-lhe os aguilhões tormentosos, sejam físicos ou morais.

Diante dessa nova concepção da dor pensarás logicamente que se se manifesta como lei, e por isso parte integrante do infinito criado, ela seja uma punição de Deus em contraste com o livre arbítrio ligado aos homens quase pela escolha do próprio karma.

Efetivamente tudo te vem d'Aquele que veste de verde e flores os campos, de neve os cimos dos montes, de azul o céu, que dá as asas e a voz canora aos pássaros, que povoou, embelezou e transfigurou a Terra, fazendo nela descer a harmonia que te alegra a existência com o espetáculo da vida universa.

Interroga e escuta tudo o que te circunda : o sol, as estrelas, os astros, os oceanos, os rios, as montanhas e as planícies responderão também por ti : ELE nos criou.

Se, porém deste realidade de expressão à tua vontade passada, as aflições, as atribulações, isto é, os aspectos tangíveis do karma, esses são teus, do teu livre arbítrio, criado pelos reflexos morais de teu passado e regulados por ti para o teu futuro através da dura disciplina da conquista.

A dor, física ou moral, assume nas suas gamas aspectos infinitos e para superá-la é necessário que saibas temperar a tua vontade.

Do tormento da mãe nasce a criatura, do tormento da terra nascem a flor e o fruto, do tormento da vida nasce a morte, porque a vida não é senão um suceder-se de instantes, horas, anos, nos quais o homem morre pouco a pouco.

Da dor da morte nasce a vida, dirigida para novas auroras, para novos crepúsculos, dirigida para o superamento da própria dor, para a existência consciente, para Deus.

Tu mesmo és a dor, o mundo e todas as coisas criadas do que fazes parte representam essa lei viva e incriada e, enquanto estiveres na carne e no mundo, estarás na dor. Tem a cor do teu sangue, está misturada com a tua carne, sustentada pelos teus ossos, estremece na tua boca, brilha nos teus olhos.

Enquanto desceres sobre a terra deveras descer na dor, na serras padecendo, viverás padecendo, morrerás padecendo porque esse foi o desejo da tua vontade consciente:

purificares-te através do sofrimento daquela matéria a que te tinhas dirigido com tanta ânsia.

E apenas o tiveres superado, no teu íntimo brilhará de novo o fogo místico que conheceu os antigos esplendores espirituais e só então poderás verificar que não era, pois, tão tormentoso como num primeiro momento pudeste acreditar; o no sofrimento reconhecerás o remédio amargo e precioso, capaz de curar pouco a pouco os vícios da carne que te aflige.

Ama essa dor que te apressa o caminho para o alto, ama-a reconhecendo-a como elemento da purificação por ti querida o procurada, e supera-a. Porque, se desgostado pelo seu amargor, procurares evitá-la, retardarás a tua cura e voltarás A Terra, no ciclo contínuo dos renascimentos.

Escuta por isso a voz íntima do teu verdadeiro Eu, a voz que não conhece enganos, porque descende da verdade e da luz. Começarás a sentir no teu coração uma pena subtil e persistente, o agulhão penetrante de um desejo desconhecido e inapagado que não te deixará mais sossegado e te dará nostalgia, até agora nunca experimentada, de auras puras e de altos e livres céus e então, só então o amargo remédio da dor se tornará querido a ti.

E quando, reconhecendo o seu profundo poder, compreenderes como não te é imposta por ninguém, como faz parte do ti e por ti somente é querida em virtude de lei kármica, não mais a considerarás com amarga aversão.

Por sua virtude poderás experimentar a alegria e avaliar a felicidade e pela sua lei equilibradora do despertar terás a possibilidade de despertar do longo letargo a consciência entorpecida. A dor por ti provada e superada, fazendo-te compreender a dos outros, terá o poder de tornar-te mais generoso com os teus semelhantes, com as criaturas que Deus coloca constantemente no teu caminho.

O sofrimento, de fato, cria o amor, como o amor cria a vida. Se choraste saberás enxugar as lágrimas alheias, se sofreste saberás amar, porque sentirás a necessidade de ser amado.

Nada mais falso do que dizer: «Os padecimentos e sofrimentos me endureceram e irritaram», porque no fundo do teu *Eu*, não obstante a máscara de aparente crueldade, terás ocultos tesouros de experiências e de amor que, no momento oportuno, se manifestarão mesmo apesar de ti.

Quem, ao contrário, mostra realmente uma cínica indiferença pelas penas alheias, não esteve ainda na escola da dor, não macerou nas suas leis, mas finge havê-las sofrido para criar um álibi a sua própria maldade.

A dor, portanto, é a prova da maturidade da consciência; uma é o fruto da outra. Por consciência compreendo pureza de pensamento para o justo e o verdadeiro que exprimem a obtenção das virtudes mais eleitas.

Nesse longo ciclo da evolução padeceste por ti, por teu pai, por teu irmão, pelo filho, sofreste pelo teu corpo e pelo teu espírito, lutaste à procura do bem e da verdade, revistaste o espaço esperando nele encontrar a razão do teu sofrimento e das criaturas que amaste, procuraste através da ciência o bálsamo para lenir o sofrimento que dilacera o corpo. Mas aparentemente a fadiga te pareceu vã, porque a dor continuava a ser o agulhão pungente dos sentidos humanos e espirituais, à qual encontraste somente um alívio momentâneo.

Que caminho não percorreste, porém, através das experiências que realizam, no fundo, a vontade e os desígnios do Pai ?

Apesar do teu Eu mortal não ter alguma recordação do Passado, a tua consciência desperta no longo e tormentoso trabalho e, presidindo pouco a pouco o desenvolvimento da vida psíquica, poderá afrontar provas sempre mais árduas, iluminando-te com a força da sua maturidade.

## A ETERNIDADE DA VIDA

Embora tenhas adquirido agora o conhecimento de que a não pode ser a companheira única da tua existência, quando sentes pesar no teu destino a férrea mão da desventura, sofres mas não a aceitas como uma prova de superamento o entre ti e a tua dor, que acreditas não merecida, interpões quase sempre a suprema vontade de Deus.

Se pela religião que professas não podes invectivar, enches a lacuna da tua deficiente compreensão da Divindade com uma frase que querias ser ao mesmo tempo de resignação e de conforto: "Deus pune o justo pelo pecador". Ou, se na tua fé não sabes encontrar uma razão para resignar-te, ou és completamente ateu, acreditando dar uma explicação lógica aos acontecimentos, sentencias mais brevemente e também mais inconscientemente: "Deus é injusto", ou "Deus não existe".

Desse modo resolves todos os problemas e, mesmo parecendo uma contradição, unes o princípio material da desventura ao imaterial da pena.

E então, embora admitindo que a Causa Primeira é o Espírito Subsistente no infinito, quando as realidades sensíveis da substância se sobrepõem fatalmente às realidades supra-sensíveis do espírito, não te alimentas mais da miragem luminosa de uma super-natureza transcendente, mas muitas vezes reduces a tua verdadeira essência a um fantasma ou a uma ilusão. Porque cada nova experiência que subordina a tua sensibilidade à realidade física, moral ou espiritual te afasta da divina realidade e retarda o despertar da tua consciência.

Os acontecimentos contrários não te encontram dócil ao estímulo evolutivo ao qual eles dão impulso, mas pronto a uma reação que espelha a tua mutável materialidade, porque o bem e o mal consistem, segundo os teus empíricos raciocínios, apenas no egoísmo do sobreviver ou no triunfar sobre oscilantes fortunas humanas.

É também verdadeiro que a sucessão dos acontecimentos parece mostrar uma insanável contradição e que as dolorosas e muitas vezes trágicas antinomias da vida se apresentam como inumeráveis injustiças sem uma reivindicação, ou como uma compensação demasiadamente oculta para que seja conhecida por ti.

Mas é também absurdo atribuir à Suprema Força faltas que se devem exclusivamente debitar, não à constituição da vida que é eterna e por isso infinita e perfeita, mas à existência finita, por isso limitada e imperfeita.

Se Deus é a harmonia infinita e o equilíbrio eterno, como poderia punir o justo pelo pecador? Se ELE é o hálito da Lei e do Amor, como poderia ser injusto? Se a tua existência é r prova da Sua Existência, como podes negar que ELE exista ?

Que Força faria fluir a vida no Cosmos, com a nua infinidade e com a sua eternidade, com o seu vácuo e os seus corpos celestes, com as suas maravilhas e os seus esplendores?

Considerando o teu nascimento, o curso da tua vida, a tua morte, e isolando esse ciclo no tempo como única e breve aparição surgida da escuridão do ignoto, que reentra, depois do parêntesis mais ou menos breve de uma só existência, nas sombras do mistério das quais surgiu, tu não terás julgado senão um fato limitado, restrito a si mesmo, isolado de todo O resto da eternidade.

Por isso a tua investigação, analisando somente a provisória cadeia de causas e efeitos puramente materiais que a desenvolve e a sustenta, não chega a caracterizar o Principio Divino, grandioso e desconhecido ao humano, que vai além da razão da pena ou do prêmio.

O conceito de pena eterna, de eterna punição é contrária também à lógica humana, por isso a tua consciência se perde dentro dos sofismas de um raciocínio que encontrará o obstáculo maior nos teus próprios sofrimentos.

É justo que por uma culpa finita, também nas suas possibilidades, porque humana e por isso limitada, se impõe uma pena ilimitada, infinita e por isso divina? Diante dessa idéia a tua mente se detém horrorizada, porque o pensamento se recusa a apresentar-se no báratro do nada onde somente a pena eterna agravaria o seu tormento, por um tempo que nunca tem fim.

Não, essa Divindade que é Deus, que é a própria expressão do Amor, de um Amor que não tem limite, não pode exprimir-se com uma condenação eterna.

Porque se raciocinas por um só instante reportando-te ao conceito de Deus, à realidade da Sua Essência, à lei perfeita do Seu Infinito Amor, sentirás em ti, no teu espírito a verdade absoluta que tudo voltará a ser luz na Sua Luz, enquanto tudo está n'ELE, porque ELE é o único Existente.

E estando tudo n'ÊLE, também tu estás n'ÊLE, e sendo ELE a vida eterna, também tu como ELE és eterno na vida e na morte; porque a morte não existe como fator de eterno aniquilamento, mas de momentânea parada de um estado físico que preludia outro sempre mais perfeito.

Tudo aquilo, portanto, que podes considerar, a respeito dos efeitos das tuas culpas, é uma conseqüência de teu limitado conhecimento do passado e do futuro, e de deveres julgar por isso os acontecimentos unicamente pelo breve lapso de tempo que decorre entre o nascimento e a morte.

Se ao contrário considerasses os eventos do destino como uma série de fatos originados por ações realizadas em precedentes existências, no presente regularias a tua conduta de modo a mitigar as inevitáveis conseqüências no futuro e começarias a ficar próximo daquela verdade que é a lei do karma.

Portanto, reencarnação? Sim, reencarnação, porque ninguém nasceu uma só vez, nem uma só vez morreu!

Assististe por isso às auroras trágicas do Pleistoceno, viveste nas primeiras habitações humanas do Neolítico, conhecestes o sabor ferino da carne crua da fera morta na armadilha primitiva e, nos primeiros troncos rudemente cavados, atravessaste rios e breves trechos de mar.

Depois de haveres assistido aos terremotos da Lemúria e à ruína do esplendor solar da Atlântida, ultrapassaste ignotos oceanos nos navios dos Vikings e dos Fenícios. Escutaste as músicas das cortes faraônicas e viste despontar o sol sobre altas torres dos templos Maya.

Esqueço, tu te batestes com os bárbaros Dórios no esplendor de Cnosso e admiraste as puras auroras acender-se entre as colunas de um templo etrusco. Cavalheiro e trovador, cantaste e combatestes por um ideal, esquecido sempre, esquecido ainda que de um só ideal vais verdadeiramente em busca, um ideal pelo qual renasces e tornas a morrer, que te atrai com força obscura e impelente, na sua cadeia infinita de explicáveis desconfortos e tormentosos remorsos, de inconscientes tristezas e de misteriosas recordações, com aguilhão escondido mas sempre vivo e cada passo mais pungente e irresistível d'ÊLE, do único Ideal verdadeiro.

Nessa imane cadeia de existências, quantas têm representado a tua alegria ou a tua dor ou a do irmão que se assenta a teu lado, ou do viajante desconhecido que encontras no caminho? Porque todos representam o infinito passado que, na ânsia de purificação, se estende para o infinito futuro.

# O MISTÉRIO DO HOMEM

Desde os tempos remotos a ânsia estava voltada à procura dos profundos ligames que existiam entre Deus e o homem, entre a expressão de um pensamento transcendente e imanente.

As escolas iniciáticas muitas vezes se avizinhavam da solução e de fato uma inscrição do templo de Delfos traz esta sentença: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e Deus", porque o maior mistério do criado está oculto no homem.

Em ti realmente está contida a apaixonante síntese da matéria e do espírito: as duas forças ocultas, principais atrizes da evolução que encontram razão de existir no infinito principio de cada coisa criada no espaço, e se manifestam no infinito de cada eternidade do tempo.

O teu drama é o drama universal, é a luta constante da vontade da matéria e do espírito prisioneiro de si mesmo, encerrado no círculo dos próprios sonhos e das próprias aspirações.

O valor cósmico dessa luta se encontra no símbolo da redenção do espírito, na sua expressão patente e no seu sentido oculto.

Semelhante a um mecanismo constituído por delicadíssimos maquinismos, a tua construção física pulsa e vibra na ação febril da existência em uníssono com as outras forças materiais e imateriais que a circundam, pequena engrenagem ela mesma de um grande motor.

Em vão o cientista, com as suas frias e áridas investigações, procura explicar a razão da vida. Todas as suas explicações não chegam a desbastar as trevas que envolvem o principio oculto que tem início antes do embrião e vai além da morte.

Um mistério impenetrável esconde o fulcro daquele princípio e daquele fim.

Talvez penses que seja negado caracterizar o porquê da tua existência e não sabes que isso só seria possível se conseguisses conhecer a ti mesmo.

Parecerá um paradoxo, mas é assim: ainda não te conheces. Contudo não tens apenas a certeza de que nada de ti seja oculto porque pensas, amas, sofres e ages sob o impulso raciocinante de uma vontade que acreditas tua, mas tens a absurda presunção de crer que o íntimo das pessoas que amas, que estão próximas a ti, com as quais convives, seja um livro aberto no qual possas ler.

Quantas provas dolorosas não tens enfrentado no drama da vida por essa absurda certeza que te impelia a ter fé nos sentimentos, nos pensamentos ou nas ações dos outros, quando ao contrário deverias bem saber que também de ti mesmo não conheces senão uma pequena, pequeníssima parte ?

O pensamento, de fato, embora sendo a expressão da personalidade, surge na tua mente instante por instante, transmitido por um misterioso impulso fora de ti, mas que, semelhante a um delicadíssimo aparelho receptor, o cérebro consegue captar e traduzir.

Um instante antes não só não conhecias, mas nem intuías que forma terias dado às tuas idéias, gérmen das imediatas ou futuras ações, e certamente não te explicas de onde provém o oculto sentido de orientação que te guia nos meandros do destino: intuías, porém, que na sabedoria interior está guardada a chave do teu eterno futuro.

Embora perfeito, nenhum aspecto da matéria tem uma consciência e sabedoria, mas uma consciência e uma sabedoria vibram no teu íntimo, sol do teu ser inconsciente. Este sol que anima o princípio do pensamento é a emanção divina do espírito, meio principal do corpo universo, razão da existência dos átomos, como o sol é o meio principal do universo planetário, razão da existência da matéria.

O encontrar-se em si é a experiência mais árdua que só pode enfrentar e resolver.

As sensações materiais são a prova de que não conseguiste superar a ti mesmo apesar de tua afanosa busca.

As provas a que te submetes e que talvez não compreendas te afastam ainda do verdadeiro sentido da vida porque muitas vezes a tua origem oculta está escondida na materialidade.

O bem e o mal, em contraste na luta entre matéria e espírito, disputam-se a supremacia de um poder, imortal, material o outro, e muitas vezes entre os dois extremos é difícil estabelecer um equilíbrio que te permita :

- 1) conhecer a ti mesmo, os teus defeitos para ter a possibilidade de superá-los;
- 2) viver para encontrar na vida a origem incriada da razão universal;
- 3) dar ao espírito a divina realidade da sua essência eterna e imortal;
- 4) sentir na própria consciência a verdade-Deus, Deus-amor, Deus-cósmico, e subir do plano terreno à realidade do ser e do vir a ser, atingindo da multiplicidade das formas a força única superior.

Realização suprema do humano que se torna digno de acolher em si o sinal luminoso do divino.

Só então a vida te será fácil mesmo na dor e se andares em busca da revelação só assim poderás encontrar-te.

## O DUPLO EU

Quando o Divino Respirar emanou o inefável sopro que devia dar alma e voz ao infinito reino das sombras, a matéria inerte, despertada pelo Supremo Querer, serviu homem.

A natureza tornou-se o seu reino prodigioso que, ocultando na imanência natural a transcendência do espírito cósmico, devia fatalmente exprimi-la transfigurando os seus primeiros valores.

E quando a existência criada encheu o vácuo espacial com a sua manifestação, à vontade do espírito foi confiada a trama do seu destino desconhecido.

Desde então descobrir o mistério das origens converteu-se, no tormento mortificante que te impelia à aflita procura da Verdade. Ansioso na tentativa de extrair da imensidão cósmica o segredo da unidade de que guardas a oculta herança e de que te sentes partícipe, aprendeste através do sofrimento humano que o espírito, tênue centelha emanada do Fogo eterno leva em si a marca da sua divindade.

Porém não te basta mais intuir a fonte originária da qual brota a vida; tu tens sede e queres dessedentar-te na fonte maravilhosa daquelas origens ainda ocultas. Elas te Serão reveladas pouco a pouco mediante a realização dos valores espirituais que, sendo a intrínseca realidade do Absoluto, sustentam a manifestação das forças vivas do homem.

Porque tudo está contido nos admiráveis aspectos da vida universal, o absurdo e o real, o espírito e a matéria, o pensamento e a ação; ela, plasmando a substância sob o impulso de um misterioso querer, torna-se a alma das coisas passadas e a linfa das futuras, pronta a elevar-se nos soberbos vôos para os céus irradiantes de azul ou a precipitar-se atraída pela convidativa, e misteriosa voz dos desejos.

No seu eterno dualismo, sempre em harmonia nos seus contrastes, tu encontrarás a síntese de todos os aspectos e de todas as leis que disciplinam o criado, onde, do microcosmos ao macrocosmos, o equilíbrio com o seu dinamismo, imprimindo um impulso perene a toda manifestação, realiza o prodigioso processo evolutivo.

A luz se tornará o espírito da sombra, o espaço assinalará o ritmo do tempo, o negativo combaterá o positivo e assim por diante até às formas mais humanas que, no seu campo de ação, compreendem tudo no duplo aspecto : a vida e a morte. A primeira,

manifestação concreta do espírito no ciclo da carne; a segunda, realidade abstrata da carne subjugada pela lei da evolução, força inelutável que ninguém conseguirá deter nunca.

Nessa grande cadeia a centelha energética espiritual do perecível remonta ao eterno ciclo, enquanto a centelha energética material volta como força informe ao Absoluto e n'Ele repousa.

Duas expressões do *Eu*, diversas uma da outra, das quais surge o princípio dominante do universo cosmos, e onde se oculta e se manifesta a transcendência e a imanência divinas.

Esses caracteres que fazem parte do *Eu* espiritual o do *Eu* material são transmitidos por Deus que é transcendente porque representa o inconcebível, a irrealidade real, a absurda verdade do Todo que tudo transfigura no Seu sopro criador, e é imanente porque está no homem, no seu espírito e na sua consciência, na sua carne e na sua palavra, porque tudo Lhe pertence, o absoluto e o relativo, o permanente e o transitório, o necessário e o contingente.

D'Ele só, Princípio de cada coisa, Manancial Onipotente e Motor Imóvel, emana a realidade universal da poeira estelar. E é por essa razão que, atraído pelo brilhante resplandecer do mundos, o teu desejo vai em busca da felicidade perdida. Mas o ardor da alma deve deter-se nos umbrais do imperscrutável Poder, até quando, compreendendo a sua imanência, transfigurar-te-ás na divina transcendência.

Por isso, no fascinante mistério da existência, no perene e constante dualismo entre a perecibilidade da matéria e a eternidade do espírito, tu, realizando o maravilhoso ciclo da polaridade da lei, encontrarás refletidas em ti mesmo, a imanência e transcendência divinas.

Muitas vezes, durante o caminho da vida, a matéria ofusca a consciência contrastando, em uma luta surda, o espírito que procura arduamente afirmar os seus valores supremos.

Mas tu, meu filho, afronta conscientemente essa luta tormentosa que, realizando o ciclo humano, te oferece a possibilidade de adquirir as admiráveis virtudes graças às quais poderás levantar-te, da amarga simbiose da carne, à unidade do espírito.

Só então, no espaço sem limites, na calma terrificante do vácuo infinito, o teu espírito vibrará de novo na inefável felicidade do Absoluto.

Porque no duplo *Eu* da matéria-espírito, na união harmônica do negativo e positivo dos teus valores espirituais, terás encontrado o equilíbrio.

E na ânsia universal de um novo vórtice, a tua vontade anulará o passado e o futuro em um eterno presente onde refulgirá o esplendoroso mistério da ressurreição. Ressurreição do espírito do tormento da carne, ressurreição da carne no triunfo do espírito.

# A PURIFICAÇÃO

A necessidade kármica da purificação individual alcançada através da dor, a criatura humana acrescenta, na sua vida breve ou longa, outros processos purificadores: os de renúncia praticada pela ação pura e a elevação espiritual conquistada pela prece interior.

Mas enquanto a dor tem uma tarefa purificadora e indiscutível relativa à esfera extra-humana e espiritual, uma verdadeira ação purificadora e libertadora de toda escravidão material deve ser realizada pelo indivíduo, em si mesmo, contra o falso eu que o mantém preso às suas paixões.

Ele, por isso, não poderá ser o senhor absoluto do seu *eu* superior, se não tiver adquirido aquela força pura que lhe permitirá ser o dominador de si mesmo, daquele *eu* mortal, e não tiver dominado as fontes das suas paixões e da sua ambição.

São estas as serpentes monstruosas que prendem o homem aos seus defeitos e uma não dá origem à outra, mas dá novamente vida à subjugada, porque única é a fonte, única a origem que as cria: a matéria.

São esses vícios capitais que representam as várias da matéria e dos desejos obscuros dela nascidos; de fato, o que é a cobiça senão a expectativa da carne, da sua sede do perpetuar-se e de expandir-se nos seus aspectos fenomênicos, multiplicando-se ao infinito?

A matéria gera a avareza, a luxúria, a gula, a ira, a inveja, a preguiça, a soberba.

Com cem cabeças de serpente e de dragão, com cem línguas vibrantes, de todas as horríveis cabeças suas bocas emitem línguas maravilhosas de toda a espécie. Ora falam tão alto que os Céus podem compreendê-las, ora, ao contrário, emitem misteriosos mugidos taurinos, rugem como o leão impávido e outras vezes lamentam-se com piedosos ganidos.

Estas são as atrações, as ameaças, os enganos da matéria, pronta a tudo, até mesmo a dar-se aparentemente por vencida, para não morrer; com seus subterfúgios astutos e piedosos, com o seu pedido de graça acredita que esse caminho seja o melhor, mas sempre pronta a rebelar-se se vos sente fraco. Ei-la, podes reconhecê-la : fala suave e carinhosamente ao preguiçoso; sussurra carícias ao luxurioso; ao irado rugue leoninamente; ladra com voz de lobo esfaimado ao guloso; ao invejoso muge como o touro; fala com cem línguas ao soberbo. Possui cem cabeças e cem línguas, milhares de olhos e cem fulgurações, porque das sete mães nascem inumeráveis filhos. Próximo à soberba estão a

vaidade, o orgulho, e, depois, o egoísmo, a profanação, as cem depravações, as mentiras, as hipocrisias, as malignidades infinitas, para somente apresentar alguns entre todos.

Se quiseres ser digno da volta à Pátria Celestial, deves vencer com a espada fulgurante do espírito. Deves, por isso, orientar-te somente para uma finalidade: submeter o teu *Eu* pessoal, tornar-te senhor de ti mesmo, dono absoluto da matéria, desta essência multiforme que se apresenta insidiosamente, cambiante e fugidia e se aproveita do repouso e das trevas, das distrações e do cansaço para voltar novamente ao ponto onde a dominaste.

Semelhante a Proteu, que assumia mil aspectos, os cinco sentidos lhe servem de entrada para penetrar na fortaleza do teu coração e semear o mal sob falsas aparências, sob enganosas semelhanças.

Subjugada por ti, como desejo, voltará sob o aspecto da misericórdia; não podendo manter esta mudança, se transformará em amor puro, falará em altas vozes e tentará o feiticeiro cerco através do filtro de raciocínios capciosos, mas, apenas se reafirme, pretenderá a satisfação da cobiça e apossar-se-á dos fracos guardiões que a deixaram passar.

Se recordasses que habitas na matéria e que a tua residência é construída na traição cotidiana da carne, não sossegarías mais **contra ti**, mas, em vigília, insone, não deixarias afastada da tua mão a invencível espada do espírito.

Não deves esquecer de que de nada valem as preces e as mortificações se as sensações da carne não forem dominadas. Para essa vitória podem contribuir a dor serena e alegremente aceita, a prática insistente da prece interior, mas jamais poderás incluir-te entre aqueles que com passo decidido empreenderam o caminho de volta para a fonte de todo o bem e de toda a luz, rumo à libertação do mal, se não conseguires a mais completa e indiscutível vitória sobre ti mesmo.

Em vão o avaro poderá orar e fazer dizer preces, em vão se mostrará humilde e benigno ao falar, pois bastará o rutilar do uma moeda de ouro para fazê-lo delirar de cupidez. Ele não é livre, mas um escravo.

Em vão o glutão fará esmolas e abster-se-á de qualquer violência, se, à vista de uma iguaria, se perturbará por tal forma que não mais terá tranqüilidade enquanto não for saciado. Ele não é livre, mas um escravo.

Em vão o soberbo levará uma vida pura e realizará práticas ascéticas, se no primeiro encontro com seu igual sentir-se-á superior, tornar-se-á descortês até a ofensa e

destacará o próprio *eu* pessoal como se fosse o centro de todo o cosmos. Também ele não é livre, mas um escravo.

E Jesus vos havia dito: sede livre. Sede livre, repetiu. Livres da escravidão da cobiça, fruto amargo da matéria, razão da morte; livres da escravidão da morte. E não é essa a prova da verdade revelada de que o Pai, dando-lhes o livre arbítrio, desejou livres os seus inocentes embora culpados filhos ?

Enquanto não tiverdes vencido a matéria e a cobiça, não terás vencido a morte e a roda das encarnações. Enquanto o desejo material te atrair, te dominar renascerás e morrerás de novo, porque em ti estarão ainda fortes os engodos da carne que se renova na dor, na morte, na podridão. Estarás ligado no triste desejo e retornarás a ele, na sua prisão, no cárcere da vida, a chorar e a sofrer, a tremer e a suar, a padecer e a pronunciar piedosas mentiras.

A vida humana é uma seqüência de dores e de penas, de aborrecimentos e de guerras, de angústias e de mortes.

Não há um dia em que o homem possa dizer: vê, eu sou o senhor deste dia. De coisa alguma ele é senhor. Nem o tempo, nem o espaço são seus, nem a luz nem a calma, porque em todo minuto a morte está de emboscada, e a primeira nuvem errante ofuscará o sol.

E a essa miserável vida, a esse caminho semeado de ocas de lobo, de traições, a esses discursos feitos de **se** e de **mas** te prendes tanto ao ponto de esquecer o teu verdadeiro *eu*, a tua verdadeira origem divina ? Considera a tua origem, criatura humana, a tua verdadeira semente, a imortal, aquela que desceu do Pai e está nos Céus.

Mas, para que a semente que está em ti, no teu coração, a semente do teu *Eu* divino cresça e estenda a glória dos seus ramos nos céus, para que o levedo da nova vida fermente e encha de si, do pão celeste a massa purificada do teu ser mortal, é preciso que primeiro o tenhas tornado perfeitamente limpo.

Segue, pois, a virtude, com ânimo forte, no sentido que teus antepassados davam a essa palavra. Sê esforçado e valoroso soldado e não temas; onde haja um homem que combata pela causa do espírito, aí está Deus. E, se Deus está contigo, quem poderá contra ti?

Domina, pois, a hidra ignominiosa com táticas diversa, mas com uma única e firme decisão. Com a ira sê prudente; com a gula, sê inflexível; com a soberba, adotarás uma prática, não a mesma que usarás para com a preguiça.

Mas, sê inflexível na tua vontade. Começa por dominar os teus membros, depois os teus sentidos, em seguida o coração e então a mente. Recorda-te de que és o senhor, o viajante que empreendeu esta viagem purificadora e, diz-me, qual o viajante que se deixará dominar por um hábito ?

Os teus sentidos, em seguida o teu coração, depois a tua própria mente. Que são eles? Não és tu, o Teu *Eu* Divino, a eles todos superior ? Elimina, com a constância, os hábitos viciosos, enche de pureza e nivela com a força e o sacrifício os sulcos mentais cavados pelos maus pensamentos. Refreia tua boca, doma tua fantasia, domina completamente a tua carne, sê o senhor de ti mesmo, o indiscutível senhor de ti mesmo.

Deixaste Mamon, a matéria, o mundo, és de Deus, e em Seu nome, com Ele, vence; ora na tua casa purificada, no teu eu mesmo momentâneo que venceu, elevado, regenerado, escoimado de impurezas, para que dignamente em ti resida o *Eu* espiritual.

E ama a vida que é o sonho vão e no entanto necessário ao espírito. Ama-a e não a desprezes nunca porque é uma dádiva maravilhosa de Deus e nela estão contidos imensos tesouros de felicidade que aguardam somente que saibas merecê-los para te serem revelados.

Mas ama sobretudo o teu espírito e o das criaturas que estão a teu lado porque ele é a parte divina da tua personalidade superior, porque ele é a centelha que te liga à vida universal no sopro eterno de Deus e somente nele encontrarás manifestada a suprema beleza da vida imortal.

# A ORAÇÃO

A ação de Deus é espada que não se parte, é fogo que não se apaga, não se oculta mas arde, cria e destrói apenas para resplender de novo mais ardentes clarões.

Ele está na glória dos sóis, no triunfo infinito do Seu respirar e no Seu poder cósmico, no qual está encerrado o SEU divino mistério. Ele dá, Ele oferece a Si mesmo, a Sua vida infinita, a Sua infinita Sabedoria, o Seu Amor absoluto.

E foi do Seu Absoluto Amor que se libertou a luz que se acendeu em Belém e ardeu no monte do Calvário oferecendo a mais bela dádiva.

Filho de Deus e Filho do homem, como em Ti se fundem a harmonia e o amor, a divina e sábia palavra e o gesto profético, como em Ti se sintetizam a matéria e o espírito, a carne vencida e o espírito triunfante na sua apoteose!

Tu demonstraste com os Teus prodígios ser o Filho de Deus, e a luz da grande chama refulgiu na cruz para que do Teu sacrifício o homem aprendesse o caminho do espírito e da dor.

Hoje, no mundo perturbado pelos ódios, os homens combatem pela realização de um credo seu que procuram fazer triunfar. E cada um deles pensa estar com a verdade, mesmo se a fé na própria lei elevada a religião faça lançar um contra o outro.

Mas na eterna justiça das coisas e dos eventos, qualquer que seja a religião em que militem, acima da vida terrena que ofusca a sua consciência, eles compreenderão haver amado somente a ti, Deus, porque só no Teu Espírito Incrriado está a que ninguém pode ofuscar.

É essa a única realidade imanente que deves amar e sentir em ti, meu filho.

Sussurra sempre sem nunca te cansares: "Deus está em mim" e te sentirás mais puro, pronto à bondade e sentirás impelente o desejo de orar.

Quando experimentares essa necessidade nunca a sufoques, mas exprime dentro de ti a primeira frase que te jorre do coração templo dos afetos. E ora a Deus, quer o chames Cristo ou Buda, Visnú ou Rama, Krishna ou Mithras, porque cada nome, representando um degrau da escada tão penosamente galgada pela humanidade, estabelece uma época em que Ele quis mostrar uma parte de Si.

Na oração poderás entrar em comunhão com o Pai que está no secreto de todas as coisas e Ele te responderá com o Seu Amor criando em torno a ti e em ti a harmonia celeste do advento do Espírito.

A Esse advento prepara todo o teu ser com fé, prepara-te para te tornares tu mesmo oração viva, pulsante, operante, ardente como facho votivo.

Cada gesto então assumirá o ritmo de uma harmonia sagrada, porque a oração não será um ato puramente exterior e implorativo, mas constituirá uma emanção da vida interior que preparará, apressando, cada dia a mais, a descida em ti do Espírito Santo.

Somente assim poderá estabelecer-se entre Deus e ti o amoroso colóquio que não terá mais necessidade de palavras, mas desenvolver-se-á no magnífico, vibrante silêncio que é a muda, inefável linguagem da Mente Suprema. Encontrando o sentido oculto da tua subida aos planos manifestados, poderás dizer:

*Dos profundos abismos onde reinam as trevas, vou em busca de mim mesmo, porque somente as esferas luminosas da verdade poderão saciar a minha secreta aspiração. Esse sonho do espírito me transporta aos campos infinitos que limitam os extremos confins do saber.*

*Aí tudo arde na Potência incriada que desce do Seio Cósmico.*

*Oh céu! oh terra! Espaços fulgurantes de luz onde o Supremo Querer se exprime na infinita e harmônica sinfonia da vida.*

*No fogo destruidor das paixões, desencadeadas do obscuro desejo da carne, submergi a luz que me deste, oh Deus!*

*Eu possuía a verdade radiante, a essência pura, e quis o engano e a ilusão, e do reino do espaço caí na prisão do karma universal.*

*Acendeste o espírito vivente na eternidade das divinas esferas e eu descí nas formas larvais do mundo, efêmeras quimeras de um ciclo extinto. De então o minúsculo grão da matéria encerrou em si a estrutura grandiosa da minha alma, que se agita na forma torturante e vã que a comprime.*

*Mas tu, Poder Supremo da Criação, meu Céu, meu Pai, dando-me o Teu, hálito, deste-me também a Chama sagrada para purificar-me.*

*Oh' Deus! Na infinidade do Teu Seio, onde estão contidas a ânsia e a dor, a luz e a esperança, como conquistarei a força de superar-me se o Teu amor não amparar a minha alma ?*

*Faze com que ela encontre o seu esplendor primordial no Teu infinito poder e superando os abismos tenebrosos, recupere a antiga sabedoria perdida.*

*Força originária, Bem indizível, Ritmo harmonioso de toda revelação criada e incriada, deixa-me penetrar no Teu divino reino, onde cada gota de orvalho é uma dádiva preciosa., um brilhante de luz e uma lágrima do céu. Deixa que possa contemplar*

*e compreender a inefável expressão do Teu eterno presente, prodigiosamente manifestado na suprema sinfonia da vida e, por essa luz, revela-me a Tua vontade., porque quero arder no fogo da verdade e iluminar e abrasar a minha alma.*

*E Tu, Mãe, substância invisível e soberana, descerra a porta sagrada do Templo a fim de que possa inebriar-me com a Tua glória e o Teu amor; atraindo-me para os píncaros puríssimos da Verdade; e, com voz invencível, guia-me, através dos abismos dos desejos, para a luz imaculada do espírito.*

*Ajuda a minha frágil e humana força a superar o plano dos três mundos três mundos,<sup>4</sup> causa universal, para acender na Tua chama fogo purificador do espírito.*

*Mesmo na dor da minha existência, seguindo a trama assinalada pelo destino, quero viver em Ti e por Ti oh, Criador, e, no palpitar do meu coração, participar da Tua infinita sabedoria para sentir-me uno na vida una.*

---

<sup>4</sup>

Os planos dos três mundos são: o material, o astral e o espiritual.

## O SUPERAMENTO

Só, pois, mediante a ação equilibradora da dor, continuamente vivida e transfigurada, poderás satisfazer a necessidade kármica por ti estabelecida antes de cada descida para disciplinar o destino que realizarás depois durante o ciclo breve ou longo da existência pela necessidade instintiva e insciente de te purificares.

Mas se ao sofrimento é ligado um valor catártico elevadíssimo e inegável, atribuído à esfera extra-humana e espiritual, nos efeitos a tarefa mais delicada e importante do superamento é confiada sobretudo à capacidade de afrontar corajosamente o sofrimento com o íntimo poder volitivo, que é uma absoluta particularidade do espírito, e não evitá-lo ou sofrê-lo passivamente.

Uma verdadeira e apropriada disciplina espiritual que transcenda as simples aparências dos princípios éticos e seja apta a superar vitoriosamente a natureza humana deve por isso ser iniciada a fim de que, mediante a dolorosa sanção da vida, com a cobiçada transfiguração do *Eu* material, o espírito, purificando-se, possa conquistar a própria apoteose.

Mas a que dura disciplina te deveras sujeitar para realizar as íntimas virtudes da tua vida consciente e desenvolver as energias materiais do pensamento que, despertando, criam a intrínseca natureza profunda da tua realidade superior ?

Somente exaltando o ideal da tua divina humanidade a vida moral se elevará sobre um conjunto de valores sempre novos capazes de te remir pouco a pouco das cadeias do *Eu* material.

Para que a lei da dor possa tornar-se lei de consciência é necessário criar uma sólida base de pureza, conquistando uma capacidade de concentração tal que te consinta dominar o teu *eu* mortal; e daí a necessidade de te tomares o absoluto senhor de ti mesmo, chegando a reprimir e dominar as forças inferiores manifestadas pela carne. Essas são as hidras monstruosas que, materializadas pelos impuros desejos da inquietação e da insatisfação e alimentadas pelos teus defeitos, suscitam os tormentosos fenômenos da matéria, gerando em ti os vícios capitais.

O que é, na verdade, a cobiça se não a expectativa da carne, continuamente renascente na ansiosa procura de gosos, sempre insatisfeita nos seus mutáveis aspectos?

Contudo, no intento de vencer o tumulto das paixões que constituem a atormentadora tragédia da vida, na qual persegues, sem nunca atingir, a calmante satisfação dos teus desejos, não ultrapassas continuamente as sensibilidades físicas na ânsia de superar-te?

Nessa ânsia se cumpre o ritmo das forças construtivas que, no imenso panorama cíclico, realiza a lei universal de Deus.

Desenvolvendo pouco a pouco os meios da tua expressão, encontras nessa lei a ti mesmo que, emergindo das trevas da consciência tende penosamente à subjugação das forças inferiores na afirmação dos princípios e dos valores transcendentais.

Mas, nesse caminho sem confins, para realizar o processo da tua natureza humana, saída da duplicidade material e espiritual, é lógico que tu vivas nesse remoinho de experiências e de paixões que traem a insciente vontade de acomodação entre a capacidade e a ação, torna-se sempre mais lógica e patente a lei imperante da dor na qual se esconde a razão oculta embora legítima de cada ato humano.

Porque somente através do ritmo constante e fatal da vida, intuindo o mistério das tuas origens, analisando conscientemente as tuas ações e os teus sentimentos, unificando em suma o teu pensamento na noção universal das experiências quotidianas, durante a assídua e dramática luta pelo alcance da única meta, poderás ser iluminado pela ilimitada beleza da revelação.

Porém, à lei da dor, força positiva emanada da tua vontade querente, deves contrapor a força negativa de uma vontade querida que, embora obedecendo às leis vitais, aja diretamente sobre série de causas ou de circunstâncias por ti mesmo determinadas e que criando o teu sofrimento desenvolvem a capacidade de superamento.

Os vícios escondidos na carne que são a origem dos teus mutáveis estados de ânimo serão dominados e eliminados a medida que souberes destacar-te das necessidades contingentes encontrando a maravilhosa e misteriosa capacidade, o conhecimento supremo que te farão realizar uma moral superior.

A ação e o pensamento tornam-se então forças positivas do espírito e, com progressivo enriquecimento das virtudes, transfigurarão os vícios desenvolvendo a vida psíquica.

Muitas vezes, porém, o sofrimento te impede de ter uma justa visão do bem e do mal a ponto de derrubar os legítimos valores já adquiridos ou por adquirir, dificultando a ascensão para a meta a que intimamente aspiras e da qual poderás aproximar-te com o superamento; fazendo assim inconscientemente recair sobre ti, cheias de desilusões e de

amargores, as consequências da rebelião. E quando tiveres compreendido que a lei da vida humana é lei constante da inquietude e da insatisfação e que nesse contínuo contraste deves cimentar-te para conseguir a meta suprema, então entre as dobras dos teus erros e dos teus defeitos, acima de todas as expressões sensíveis, encontraras a ti mesmo, que és a obra admirável emanada por Deus na forma mais pura.

## AS TÁBUAS DA LEI

Moisés, recolhido ao Sinai, por quarenta dias em comunicação espiritual com Deus, aguardou a revelação.

Neves e nuvens cobriram o cimo do monte, relâmpagos e trovões fulguraram na escuridão descida para envolver com a sua cortina opaca o grande mistério que ali se expressava.

Ninguém podia ver o prodígio além do predileto: os outros intuíram a manifestação daquela Potência, como distantes expectadores.

E o raio fendeu a pedra para que sobre ela a divina Espada flamejante pudesse gravar a suprema lei : *"Eu sou o Senhor teu Deus; não terás outro Deus além de Mim"*.

Naquela tábua estava revelada e decretada a maior verdade: a unidade cósmica na realidade do Absoluto.

A revelação chegava do Pai Onipotente como sinal manifesto da maturidade dos tempos que deveria estimular os homens a operar no Seu querer.

O amplexo do infinito Amor se manifestava ainda uma vez na afirmação da lei : *"Eu sou o Senhor teu Deus, por-que tu estás em Mim no todo e Eu sou a tua alma, porque ela é um hálito da Minha luz. Não terás outro Deus além do Mim, porque Eu sou o Alfa e o Omega em relação a ti que fazes parte da Minha vida humana, porque nada existe fora de Mim que supero o eterno presente do Meu infinito corpo"*.

Da profundidade insondável daquela lei surgiu uma eternidade de fontes que participavam da função unitária e criadora do Criador Único.

E em virtude da Sua força suprema Ele decretou as outras leis para a conduta moral do homem.

No fluir do tempo, na visão infinita do espaço, no perpétuo renovar-se da vida, o homem deve encontrar a razão constante e harmônica de uma ação criadora que associa o todo sob o império sábio da manifestação.

A unidade é o fim que, na colaboração amorosa, na harmonia da ação, dá a certeza que aquelas são as leis às quais o cosmos e o átomo obedecem, que fazem resplender os sóis nos universos e a vida nos seus aspectos físicos e espirituais.

Da sidérea calma do vácuo cósmico ao brilhante esplendor do oceano atômico parte uma só expressão : "unidade".

Unidade do finito ao infinito, do micro ao macrocosmo, porque dessa primeira lei, que encerra e exprime o Absoluto Divino, partem o Amor e o Equilíbrio.

À humanidade inocente, porque ainda ignorante do seu caminho doloroso, fora dada a centelha que, partindo do Pai, o envolvia na Sua Luz. Uma nova aurora tinha começado a iluminar o espírito do homem; ele tinha recebido a semente que na maceração da consciência teria a pouco germinado.

Os tempos passaram; nasceu Jesus, o Filho de Galiléia. Profetas e indubitáveis sinais divinos tinham-lhe preanunciado a descida, infinitos prodígios manifestaram a Sua divina força, a Sua bondade, o Seu amor.

Mas a humanidade havia perdido a consciência da sua origem divina, e não soube aplicar para Ele a beleza dos mandamentos que Moisés tinha transmitido.

"Não matar, não prestar falso testemunho", Mo nenhum valor para os que gritavam contra o Filho do homem: "Crucifique"!

Quando o Calvário foi galgado e a Vitima designada pode olhar do trono da Sua Cruz a maré humana ébria de sangue que A havia condenado, viu e compreendeu a sua cruel inocência e disse: "Pai, perdoa-lhes, que não sabem o que fazem".

Nesse último ato de amor, Ele ofereceu ao homem a possibilidade de ascender em nome daquela Cruz que, sendo princípio de vida, é a herança eterna do seu futuro.

Antes da Sua morte, dissera aos discípulos: "Não vos deixo sozinhos, mas entre vós descera um novo Eu Mesmo, um Consolador, o Espírito Santo, que vos guiara e iluminará".

Ele, emanação da Lei una e trina, anunciara com essas palavras o Verbo de uma nova Era futura que deveria concluir o ciclo humano dessa evolução.

No passar dos milênios duas manifestações ficaram vivas para testemunhar a verdade irrefutável do Divino Querer. As Tábuas da Lei gravadas na pedra pelo Fogo, as Tábuas da Cruz esculpidas pelo sacrifício de Jesus.

Duas Eras realizadas pelo Querer do Pai e pelo Amor do Filho; a primeira indica o que não se deve fazer, isto é : não roubar, não prevaricar, não matar etc.; a segunda, o que é necessário aprender : sofrer.

O amor e o perdão do Filho do homem tinham oferecido um dom precioso, e a dor não foi somente a herança da vida, mas tornou-se a lei do superamento. A consciência despertou a esse chamado interior e o espírito, ainda entorpecido pelo eterno letargo, começou a sacudir as cadeias materiais que o cingiam.

A luta foi dura, o surgir e o declinar das civilizações assinalaram o grande senóide da evolução no destino da humanidade.

Mas os tempos no seu eterno fluir continuaram a amadurecer para que as palavras dos sábios e dos profetas se realizassem ainda uma vez, como o Divino Mistério tinha emanado.

Presentemente, profecias e prodígios anunciam que a Era do Novo Verbo está para iniciar-se. E será a Sabedoria do Espírito Santo que se manifestará aos homens para despertar o seu *Eu* interior. E será o Consolador que, embora ensinando o sofrimento, oferecerá o superamento da dor, para que da lei emanada pelo sacrifício divino o homem reconheça a sua lei, aquela que o prende à responsabilidade das próprias ações.

Será a Sua luz que iluminará as consciências prontas à revelação, oferecendo a flor preciosa da nova divina sapiência que desabrochará da antiga sabedoria. E o homem, encontrando em si mesmo as fontes da sua criação, compreendera a suprema lei que o liga e une no imenso abraço do amor e, finalmente consciente do seu futuro, dirá : "*Tu és o Senhor, meu Deus* porque eu estou em Ti e Tu estás em mim, não terei outro Deus além de Ti, porque nada está fora de Ti que és o Absoluto".

Oh, humanidade, sacode a negra mortalha que to oprima, livra-te dos cepos da matéria, volve o teu desejo a Deus, compreende e faz tuas as Suas leis, une à tua cadeia de amor todas as criaturas. Somente assim a tua alma poderá sair do casulo de lama que aprisiona a tua atormentada, embora divina essência. E purificando-te poderás ascender na eterna luz porque terás realizado em ti as três leis escritas com o fogo da Potência, com o sangue do Amor, com a Espada da Justiça da Sabedoria.

# SEMENTES DE LUZ

Quer no infinitamente grande como no infinitamente pequeno vibram todas as expressões da vida, imersas na luz de uma potência divina e na tremenda obscuridade de ignotas e incognoscíveis manifestações. Elas permeiam espaços imensos e mínimos, ambos impenetráveis e imponderáveis por suas dimensões à indagação humana.

\* \* \*

O ser tem origem no infinito, sustentado na matéria, onde cria e realiza o ciclo kármico, para retornar depois ao infinito.

A vida material, para o ser, é realidade concreta, mas efêmera na variedade das formas.

O infinito é realidade abstrata, mas eterna.

\* \* \*

Tarefa do espírito é adquirir no trabalho da matéria as expressões de sabedoria, com a educação da sensibilidade e o desenvolvimento da virtude que é o estímulo de todas as grandezas da centelha divina.

\* \* \*

Não é o corpo que sofre ou goza sob o estímulo da alegria ou da dor, porque ele é apenas matéria inerte. É o espírito que, de acordo com a sua sensibilidade, percebe mais ou menos intensamente a repercussão do estímulo.

Se fosse a matéria que experimentasse tais sensações, ela as sentiria sempre: mesmo no estágio de formação antes do nascimento o no de decomposição depois da morte. E nesse caso, qual seria o tormento do corpo ao sentir-se desagregar, instante por instante, molécula por molécula, na decomposição total das suas substâncias?

\* \* \*

Que é o corpo ?

Uma realidade concreta que se tornará abstrata.

Que é o espírito ?

Um nada abstrato que é uma realidade concreta.

\* \* \*

O infinito é o símbolo abstrato da eternidade do espaço real e concreto.  
Os astros são as centelhas absurdamente concretas de uma abstrata e fugidia vida.

\* \* \*

Em cada expressão da vida poderás encontrar oculta a semente da felicidade; mesmo na dor, se nela procurares o sentido do divino superamento.

\* \* \*

O que faz o homem sofrer é o medo da dor, a angústia de perder o que ama e receber o que não deseja.

Não é o Sol que amadurece os frutos, mas a água, isto é, a tempestade.

O Sol os secaria se a água não alimentasse a linfa.

A vida é o sonho do espírito, no qual ele vive a mais absurda experiência.

\* \* \*

O homem é senhor apenas do presente porque o passado não mais lhe pertence e o futuro lhe é desconhecido.

Mas é no fugidio instante daquele presente que ele recolhe os frutos do passado e lança a semente para o futuro.

\* \* \*

O mal não é uma força contrária a Deus mas um peso na balança do Karma humano.

\* \* \*

O Karma da vida é a cruz do espírito. A consciência de carregá-la é a síntese da elevação.

\* \* \*

Infinito no tempo e no espaço é o destino dos homens. A sabedoria humana pode aconselhar o caminho mais breve para conseguir a evolução divina.

O espírito, pólen radioso da vida, é a essência prodigiosa do eterno existir, a energia inefável da criação que tira do contraste da vida a razão da sua vitória.

Na sua divina realidade ele é o triunfador da morte, porque é a semente imperecível do eterno renascimento.

\*\*\*

Ambicionar o triunfo humano é ambicionar a posse de coisas efêmeras, é constranger a mente e o coração a nutrir-se de idéias e de paixões elementares.

É pecaminoso conclamar fantasias de progresso se estas fantasias são destinadas a suscitar, nas multidões inconscientes, paixões de ódio e miragens de bens contra a natureza e contra a moral.

As idéias de progresso são como o tóxico que é benéfico ou maléfico segundo a mistura e as circunstâncias em que é usado.

\*\*\*

O progresso, todavia, é sempre eficazmente servido pelo ato humano da piedade espontânea, mais do que pelo declamatório gesticular do heroísmo inspirado por interesses das partes. A humildade e a piedade, em qualquer circunstância, são sempre garantia de verdadeira grandeza, porque são a expressão do espírito libertado.

\* \* \*

Afrontar a luta da vida é um grande esforço; imenso é o superá-la objetivando um ideal. O primeiro é a missão do espírito na matéria; o segundo é a missão do espírito na obra divina.

Os vícios se opõem às virtudes que brotam no espírito. A vitória das virtudes, resultante do choque de sentimentos às vezes violento como um furacão, não é senão momentânea,, mesmo quando represente um superamento.

\* \* \*

Apoteose, suprema conquista de perfeições humanas, não pode ser alcançada senão quando no ser se contrastam idéias e se combatem lutas.

Viver é muito mais difícil que morrer, como criar é muito mais árduo que destruir. Para viver é necessário harmonizar com tudo as próprias ações, se não se quiser incorrer em uma vida de tormento nas trevas da incompreensão.

\* \* \*

Na vida tem mais valor dar do que receber; contudo, quer no dar ou no receber é necessário manter o justo equilíbrio para não criar desarmonia.

Quem açoita a orientação daquele que julga mais forte e mais iluminado do que ele não amesquinha a própria personalidade, mas ao contrário a exalça fazendo próprias as virtudes de outrem.

A verdade não tem necessidade de sutilezas e esteticismos dialéticos.

Unicamente os desassisados consideram essencial ao seu vão falar a árida linguagem do sofisma.

A verdade se exprime com a simplicidade dos meios com que se manifestam as leis naturais, e desabrocha como intuição no espírito despido de todo egoísmo.

\*\*\*

A árdua ascensão que o espírito percorre pelos caminhos da bondade e da virtude, embora sendo uma titânica fadiga, dá, com o sacrifício, a alegria de atingir o cume da sabedoria.

A bondade é a virtude que mais exprime a natureza divina do homem.

Cada qual acredita possuí-la no coração, mas bem poucos a professam.

Ela é, por excelência, a virtude do sacrifício e da renúncia em proveito de outrem.

A verdadeira bondade é como a violeta que desabrocha na alma humana sem ostentação mas com a segura consciência do dever a cumprir no silêncio austero da própria dignidade.

\*\*\*

Para ter é necessário dar; para merecer é necessário sofrer.

O sofrimento é o alimento da alma quando se possui a força de transmutar em alegria a dor.

Somente na paz da consciência, não mais atormentada pelas tempestades da vida, o espírito divisa a luz da sabedoria.

\* # \*

O amor é o poema que Deus doa aos puros espíritos.

\* \* \*

O homem grava com as suas obras o próprio destino humano; e o divino com as suas ações.

\*\*\*

É unicamente força de justiça a que nos impele a sofrer a luta do Bem e do Mal para oferecer-nos a possibilidade de evoluir, dando-nos com a vida o ligame que une, com as suas fases alternadas, o mundo terreno e o sobre-humano.

Ofereci a todos o pão do vosso amor, porque somente assim podereis dominar homens e acontecimentos.

Não é com o temor nem com a imposição que Deus impera no infinito.

\*\*\*

Mostrar-se humilde diante dos humildes significa haver atingido o máximo da grandeza.

\*\*\*

O orgulho é o sentimento mais difícil de interpretar.

Orgulho é o sentimento de quem, julgando-se superior, cobiça dominar.

Mas orgulho é também a satisfação de haver realizado uma boa ação, de haver levado a termo uma árdua tarefa, de haver superado uma dura prova.

São Francisco era orgulhoso da sua humildade e dos sofrimentos suportados com perfeita alegria. São Paulo era orgulhoso unicamente da Cruz de Cristo que ele apregoava aos

povos.

\*\*\*

Na eternidade dos séculos a vida é um sorvo amargo para o espírito que sabe não estar comprimido, um vôo de luz para quem ama e persegue um ideal excelso que o exalta acima da felicidade humana.

\*\*\*

O ritmo da vida mede a respiração do tempo; o sopro do espírito representa a força de Deus.

Um e outro assumem, em suas fases, a crise da morte, a sublimação da dor e a apoteose do ser.

\*\*\*

Judas não traiu Cristo e o homem não O crucificou, porque Ele, sendo o Filho de Deus, não podia ser nem traído nem crucificado.

\*\*\*

---

A fé é a luz de cada religião, a vida do espírito, o bálsamo de cada mal e o conforto de cada dor.

\* \* \*

O que representam a eternidade e a infinidade?

A eternidade é o infinito do tempo; a infinidade é a eternidade do espaço.

\*\*\*

O corpo e o espírito podem ser concebidos como dois ciclos diversos: um, ciclo-espaço; o outro, ciclo-eterno.

\*\*\*

O conceito de *infinito* encerra uma multiplicidade de espaços que, por sua vez, medem o eterno.

A vida é um tecido de alegrias e de dores.

A alegria ó o sol da existência; a dor a sua sombra.

Para elevar-se é necessário estabelecer uma harmonia, superando a dor, e encontrar também nela a alegria.

\*\*\*

Se fixares o teu olhar no sol, na luz, a sombra por lei humana e divina ficará atrás de ti. Se colocares a sombra das tuas penas e das tuas dores atrás de ti superando-as, olhando a tua frente verás somente a luz, a alegria e a felicidade.

\*\*\*

Ninguém pode dizer ao bicho da seda que não seja uma borboleta. Todos os homens são criaturas de Deus e, como o bicho, susceptíveis de evolução.

O universo não é senão um complexo de energias espirituais, uma parte infinitesimal do todo no qual inúmeros astros constituem outras tantas etapas da evolução do espírito.

\*\*\*

As obras imortais ficam no tempo para testemunhar as etapas da civilização e o gênio dos homens; a fé e a vontade são as grandes obras que esculpem o destino universal.

\*\*\*

Grande Lei decreta : das ruínas da morte, Deus cria novas formas e plasma a vida; da tempestade da vida cria a morte e plasma a consciência.

\*\*\*

Eu te abençôo e te digo : vai, a estrada da felicidade é somente dos fortes e dos voluntariosos prontos a tirar conforto mesmo da dor que, ao longo da estrada do destino, provarão ao deixar os farrapos da sua alma aderentes às sarças da vida.

---

## **A TERCEIRA ERA**

A todos os Irmãos do Espírito, a todos aqueles que se sentindo parte da Alma Cósmica vibram em uníssono na grande cadeia do Amor, Eu envio a Minha mensagem.

O Espírito da Sabedoria e da Força desceu, dando à humanidade a missão de realizar esta Terceira Era, iniciada pela evolução da presente cadeia planetária.

O raio do Amor, que já foi a Cruz da Vida no resplendente sol do Pai, encontra, no sacrifício do Filho, a Sua apoteose para ascender na Espada da Justiça ao triunfo do Espírito da Verdade, encerrando o ciclo da Trindade Revelada.

## NOTA DOS EDITORES

Alguns capítulos de "O MESTRE ASSIM NOS FALOU" estão reproduzidos na "A SUPREMA LEI", que consideramos a maior obra espiritualista jamais escrita.

Este pequeno livro é, de algum modo, uma preparação à leitura da "A SUPREMA LEI" que descerra aos espíritos já amadurecidos os véus dos Mistérios Divinos, dos Mistérios Cósmicos, dos Mistérios Universais, dos Mistérios Planetários, dos Mistérios Materiais, dos Mistérios Evolutivos e dos Mistérios Espirituais.

Aconselhamos por isso aquela obra unicamente aos que, pela leitura ou pela meditação, tenham atingido um elevado grau de desenvolvimento espiritual que os coloquem nos limites da estrada da Iniciação.

# **Fraternidade Branca Universal do Arcanjo Mickael**

A Fraternidade Branca Universal do Arcanjo Mickael, fundada sob a proteção de Deus e inspiração do divino Arcanjo Mickael em 29 de novembro de 1948, tem por finalidade:

a) promover o conagraçamento de pessoas, sem distinção de raças ou credos religiosos, que desejarem concorrer para que a Tolerância, a Harmonia, o Amor, a Verdade, a Justiça e a Fraternidade se tornem uma realidade entre os homens;

b) realizar o estudo das leis superiores que regem o Universo.

A Fraternidade teve a primeira sede social no Rio de Janeiro à Rua Paissandu n.º 346.